



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE PSICOLOGIA**

PATRÍCIA MARCIANO DE ASSIS

**EFEITOS DA PANDEMIA NO COTIDIANO DE JOVENS MORADORES DE
TERRITÓRIOS PERIFÉRICOS DA CIDADE DE FORTALEZA-CEARÁ**

FORTALEZA

2021

PATRÍCIA MARCIANO DE ASSIS

EFEITOS DA PANDEMIA NO COTIDIANO DE JOVENS MORADORES DE
TERRITÓRIOS PERIFÉRICOS DA CIDADE DE FORTALEZA-CEARÁ

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Psicologia da
Universidade Federal do Ceará, como
requisito parcial para obtenção do título
de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. João Paulo Pereira
Barros.

FORTALEZA

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

A866e Assis, Patrícia Marciano de.

Efeitos da pandemia no cotidiano de jovens moradores de territórios periféricos da Cidade de Fortaleza-Ceará / Patrícia Marciano de Assis. – 2021.
54 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Curso de Psicologia, Fortaleza, 2021.

Orientação: Prof. Dr. João Paulo Pereira Barros.

1. Dispositivo grupal. 2. Juventude. 3. Pandemia. 4. Periferia. 5. Psicologia Social. I. Título.

CDD 150

PATRÍCIA MARCIANO DE ASSIS

EFEITOS DA PANDEMIA NO COTIDIANO DE JOVENS MORADORES DE
TERRITÓRIOS PERIFÉRICOS DA CIDADE DE FORTALEZA-CEARÁ

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Psicologia da
Universidade Federal do Ceará, como
requisito parcial para obtenção do título
de Bacharel em Psicologia.

Aprovada em: ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. João Paulo Pereira Barros (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Érica Atem Gonçalves de Araújo Costa
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Me. Jéssica Silva Rodrigues
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Às minhas ancestrais.
À Aurineide e Flávia Letícia.
À todas as vítimas da COVID-19.

AGRADECIMENTOS

Às amigas e amigos do curso de psicologia Jean, Jéssica, Kelly, Jamile e Letícia, por cada atividade, partilha e conversa no intervalo e fora de hora. Vocês foram os principais responsáveis por permanecer fazendo o máximo de cadeiras a cada semestre, só para estar junto de cada uma e cada um. Eu sinto orgulho por cada passo de vocês!

Às amigas e amigos do Vieses Fernando, Jéssica, Camila, Demar, Laisa, Carla Jéssica, Dalgo e todas e todos as/os outras/os. Estar com vocês ou acompanhar vocês em seus processos fez eu ver a potência de uma psicologia politicamente engajada e de afetos outros, leves, cúmplices e sorridentes, mesmo tratando-se de temas socialmente injustos, cruéis e desiguais.

Às amigas e amigos do Cedeca Ceará Lilica, Lane, Jamyle, Thamira, Samara, Larissa, Ariel e Dieuller, as chefas e mulheres poderosas Ana Cristina, Marina, Talita, Mara e todes que conheci, como Neyla, Bruno e Renan. Foi muito bom cada rolê com vocês e cada aprendizado, as ruas de Fortaleza e o mundo todo é de vocês, vamos lá mudar o mundo! A luta construída por cada um/a de vocês é a certeza de um mundo melhor.

Às amigas e companheiras de vida Karlene, Jéssica e Lilian, muito bom conhecer vocês, estar com vocês e me alimentar dos melhores momentos e afetos ao lado de cada uma. Amor é pouco para definir tudo o que representam para mim, obrigada por me acompanharem e deixarem eu estar perto de vocês nesses tempos desordenados.

À minha família do passado, do presente e do futuro, todas e todos foram os responsáveis por cada passo dado e caminho percorrido. Aqui estão representados e representadas pela minha mãe Aurineide e minha irmã Letícia, cujo amor se expande para além do pensável e só pode ser sentido. Eu honro cada uma e cada um.

Às professoras, professores e demais pessoas que constroem a psicologia cotidiana na Universidade Federal do Ceará, João Paulo, Érica, Gustavo, Emanuel, Ricardo Pimentel, Barrocas, Zulmira, Raquel, Cássio, Natália, Susana, Cinthia, Estefânea, Caciana, Veriana, Daniely, Jurema, Luciana, Orlando, João Ilo, Karla Patrícia, Fátima, Idilva, Célio, Laéria, Wilson, Verônica, Maia, Walberto, Hélder, Francisco e etc.

Ao professor e orientador João Paulo, por ter o coração enorme, por cada acolhimento, respeito e compreensão, por cada impulso e orientação, por tudo. Na minha jornada acadêmica você foi quem chegou mais próximo do ideal de ensino-aprendizagem. Muito feliz por você ser quem é e estar onde está. Você é necessário na academia.

Às membras da banca, Jéssica e Érica, por aceitarem participar do encerramento de um ciclo que ajudaram a construir no Vieses. Obrigada!

Tentando viver, tentando vencer, tentando entender,
sofrendo calado
Eu vejo a família que perde sua filha no tiro trocado
Quem pode dizer, todo dia quantos sonhos são
assassinados?
Quantos Michelangelos sem pincel?
Quantos deles foram pro céu?
E se a cura do câncer tiver na cabeça
Do moleque preto que veio do gueto
E se aquela menina pudesse fazer medicina
Inventava a vacina e ganhava um Nobel

Eu ainda acredito no poder do outro
Que o nosso sonho vale mais que cheque
No teu olhar eu vejo a luz de um mundo novo
Boto fé nos moleque, boto fé nas mulher
Eu ainda acredito no poder do outro
Que o nosso sonho vale mais que cheque
No teu olhar eu vejo a luz de um mundo novo
Boto fé nos moleque, boto fé nas mulher

A vida é metade o que a gente vê e metade o que a gente
imagina
Matar o seu sonho irmão, é matar a si mesmo
(Boto Fé, Fábio Brazza).

RESUMO

O objetivo desta pesquisa foi cartografar os efeitos da pandemia no cotidiano de jovens inseridos em periferias de Fortaleza, problematizando os temas trazidos nos encontros grupais e as implicações psicossociais do isolamento social em seus cotidianos. Metodologicamente optamos pela abordagem qualitativa da pesquisa-intervenção com o método cartográfico, a partir do qual o dispositivo grupal virtual foi a principal estratégia investigativa e interventiva produzida para que eles partilhassem e elaborassem suas experiências sobre o contexto de isolamento social. O material usado para análise consistiu em diários de campo dos encontros virtuais com jovens. Do ponto de vista teórico, optamos por dialogar com as proposições de Deleuze e Guattari sobre a produção de subjetividades e autores da Psicologia Social sobre juventudes. Nesse sentido, este trabalho contribui para cartografar condições e experiências referentes às juventudes, periferias e pandemia a partir desse dispositivo grupal, considerando as intersecções de raça, classe, gênero e território. Chamando a atenção para a potência de experimentações e intervenções no campo da saúde mental com grupos de jovens, através desta pesquisa foi possível acompanhar as modificações na circulação, experimentação dos territórios e relações familiares e sociais de jovens de territórios periféricos de Fortaleza, bem como a produção de múltiplas estratégias de autocuidado frente ao contexto pandêmico.

Palavras-chave: Dispositivo Grupal. Juventude. Pandemia. Periferia. Psicologia Social.

ABSTRACT

The objective of this research was to cartography the effects of the pandemic on the daily lives of young people on the outskirts of Fortaleza, problematizing the themes brought up in group meetings and the psychosocial implications of social isolation in their daily lives. Methodologically, we opted for the qualitative approach of research-intervention with the cartographic method, from which the virtual group device was the main investigative and interventional strategy produced in that context of social isolation. The material used for analysis consisted of field diaries of virtual meetings with young people. From a theoretical point of view, we chose to dialogue with the propositions of Deleuze and Guattari on the production of subjectivities and authors of Social Psychology about youth. In this sense, this work ended up articulating youths, peripheries and pandemics from this group devices, considering the intersections of race, class, gender and territory. Drawing attention to the power of experimentation and interventions in the field of mental health with groups of young people, through this research it was possible to follow the changes in circulation, experimentation in the territories and family and social relationships of young people from the peripheral territories of Fortaleza, as well as the production of multiple self-care strategies in the face of the pandemic context.

Keywords: Group device. Youth. Pandemic. Periphery. Social Psychology.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Encontros grupos de jovens 2020	21
--	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 METODOLOGIA.....	18
2.1 Tipo de Pesquisa	18
2.2 Local da Pesquisa.....	19
2.3 Participantes do Estudo	20
2.4 Estratégias Metodológicas	21
2.5 Análise de dados.....	23
3 RESULTADOS E DISCUSSÃO	24
3.1 “Momento Covid-19”: conversações juvenis sobre pandemias e periferias .	25
3.2 “Os nossos acessos passam pela periferização das coisas”: (Auto)cuidado e saúde mental enquanto direito	34
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
REFERÊNCIAS	49

1 INTRODUÇÃO

Na favela, pra nós a COVID é diferente
 As casas não são grande e geralmente muita gente
 Aglomeração inevitável
 Alguns lugares ainda não tem água potável
 Se cuida aí
 Ih, que vai faltar espaço na UTI
 Se a gente não fizer o certo pra se prevenir
 Lavando bem as mãos evitando toque na mucosa
 O bagulho é sério não tem cura milagrosa
 Pois bem não tem plano de contingência
 Alguns vão se contaminar por conta dessa negligência
 Outros vão pegar por conta da ignorância
 Liderança que se perde se acha na arrogância
 Você! Se ligou que o Corona deixa na lona
 O estrago veio à tona
 O mal contamina a cada esquina
 Mais sério do que se imagina
 Só faz a sua parte que eu faço a minha
 Não pense que é só uma gripezinha
 A guerra é grande pra uma mente tão pequena
 O mundo tá parado e a gente tá de quarentena
 O cuidado é nosso para não pagar com a vida
 Covarde do Covid o capiroto te convida
 A sua máscara caiu, caiu, caiu
 E todo mundo viu
 O mal é contagioso mas o bem é contagiante
 Lá na frente a gente se vê ou não
 Fé em nós
 (Quarentena, MV Bill).

Esta pesquisa tem como objetivo geral cartografar os efeitos da pandemia de Covid-19, também conhecido por coronavírus, no cotidiano de jovens de territórios periféricos da cidade de Fortaleza-Ceará. Os objetivos específicos consistem em problematizar os temas trazidos por eles, no contexto de isolamento social, quando pautamos juventudes, periferias e pandemia, e discutir estratégias de (auto)cuidado compartilhado em saúde mental. Ela surge como desdobramento da minha inserção no Centro de Defesa da Criança e do Adolescente (Cedeca Ceará), organização da sociedade civil que atua na defesa de direitos de crianças e adolescentes, quando da realização do estágio curricular em psicologia¹.

¹ Todo o trabalho foi pensado e construído coletivamente através da práxis da equipe de psicologia, a qual era composta além da autora deste trabalho, pela psicóloga e preceptora Ana Cristina Pereira de Lima Melo e a outra estagiária Jamyle Maria de Sousa Gonzaga. O que fazemos aqui é sistematizar a reflexão construída e experienciada coletivamente, a partir das discussões feitas no Grupo de Pesquisa e Intervenções sobre Violências, Exclusão Social e Subjetivação (Vieses-UFC). A estagiária de psicologia está em todo o texto e a pesquisa foi um aprofundamento do relatório de estágio. O comprometimento ético-político com os encontros grupais foi um dos efeitos da pandemia em meu cotidiano.

Convém considerar que a ideia de isolamento social aqui aventada e a análise de seus impactos estão circunscritos em um contexto específico, de uma pandemia global de coronavírus, embora possam manter relações com estudos acerca do assunto e requeiram análises mais aprofundadas, a longo prazo, sobre seu impacto no cotidiano de adolescentes e jovens (Cf. Ferreira et al., 2013). Ela se confunde com a noção de quarentena, recomendação de permanecer em casa para evitar contágio, notadamente para as pessoas com sintomas gripais ou com suspeita de contaminação por pelo menos 14 dias, já que elas mesclaram-se não só nas recomendações de isolamento voluntário para os grupos de riscos e os que apresentavam sintomas, quanto foram paulatinamente sendo generalizados para a população enquanto estratégia emergencial mais eficaz. As estratégias de redução “dos impactos da pandemia, diminuindo o pico de incidência e o número de mortes” consistiram, em vários países, na adoção de “medidas tais quais isolamento de casos suspeitos, fechamentos de escolas e universidades, distanciamento social de idosos e outros grupos de risco, bem como quarentena de toda a população”; com vistas ao achatamento da curva de infecção e redução do esgotamento de leitos, respiradores e outros suprimentos (Cf. Schmidt et al, 2020).

O coronavírus SARS-CoV-2 surgiu na cidade de Wuhan, na China, onde foi anunciado o surto em 31 de dezembro de 2019. Devido à rápida disseminação e ao índice de contaminação e mortalidade, em 11 de março do ano seguinte foi declarado que se tratava de uma pandemia de Covid-19 pela Organização Mundial de Saúde. A partir de então várias medidas de contenção foram tomadas pelos governos com o intuito de limitar a circulação do vírus, desde o isolamento social até o *lockdown* (bloqueio total compulsório), caracterizadas por restrições na circulação e locomoção interna dos cidadãos e permissão de funcionamento somente de serviços essenciais (Tostes & Melo Filho, 2020; Schimidt et al., 2020).

No Ceará, o governador decretou estado de emergência a partir do dia 16 de março, com a confirmação de três casos, passando a adotar medidas de enfrentamento e contenção, dentre as quais o isolamento social (Gouveia et. al., 2020). Em Fortaleza, o bloqueio total foi decretado no dia 7 de maio, pouco tempo depois do que foi considerado como o pico de contágio no Estado, o dia 30 de abril, e seguiu até o dia 1 de junho, quando começou a ser colocada em prática a flexibilização do isolamento social (Idem; Diário do Nordeste, 2021a). Durante esse período, o maior acometimento da doença se concentrou na faixa de 40 a 59 anos, em Fortaleza, e na faixa de 20 a 39 anos nas demais regiões do Estado, sem diferenças significativas de gênero (Idem). Estima-se que os

números sejam maiores por conta dos atrasos de notificações ou casos positivos não testados (Schmidt et al., 2020).

Chamando a atenção para a ironia perversa de que apesar de se originar em um pólo industrial, signo do desenvolvimento científico e tecnológico, o novo coronavírus chegaria aos corpos humanos em razão da fome e dos impactos do racismo ambiental e do especismo. Vários autores passaram a destacar o caráter desigual de suas implicações, a urgência de alterar radicalmente nosso modelo de sociedade e de ações coletivas de isolamento e solidariedade, tanto quanto de intervenções estatais para a garantia de condições dignas e direitos mínimos (Antunes, 2020; Davis & Klein, 2020; Santos, 2020; Severo, 2020; Zizek, 2020). Embora alguns inicialmente tenham colocado as medidas de contenção sob suspeição, como Agamben (2020, p. 12), que depois voltou atrás no tom contrário a elas, suas questões servem de alerta sobre o caráter biopolítico de ações tomadas em nome da higiene e segurança públicas, bem como do processo de militarização do território e “a crescente tendência de usar o estado de exceção como paradigma normal de governo”. Conforme Severo (2020, p. 223):

Em lugar delas (de escolhas coletivas e apostas amplas em saúde, educação e qualidade de vida), o que se vê são: medidas provisórias retirando direitos trabalhistas e propondo o endividamento de pequenos empresários ou restringindo direitos liberais como o direito à informação; um presidente e vários seguidores minimizando a realidade da doença, secundados por empresários que protegidos em suas casas exigem que seus trabalhadores sigam trabalhando; parlamentares e ministros que seguem repetindo a cantilena das reformas liberais ou revelam publicamente o descaso pela vida dos aprisionados.

Até mesmo quando tenta convencer a população de que está preocupado em salvar vidas, a proposta do presidente é que os profissionais autônomos sigam trabalhando, expondo-se à contaminação como escudos humanos, como soldados que morrerão na batalha pela sobrevivência diária. Fala em auxílio, mas concede empréstimo. Refere-se à renda básica, mas oferece esmola, exclui benefícios previdenciários e atrasa o pagamento do bolsa-família.

Corroborando não só a necessidade de pensar coletivamente - inclusive de modo transnacional - a construção de políticas públicas e de bem estar social que considerem a distribuição igualitária de renda, moradia, trabalho e alimentação, oposto da lógica capitalística neoliberal em sua versão punitivo-penal, é significativo desse cenário que a primeira pessoa morta no Brasil por coronavírus tenha sido uma mulher e no Rio de Janeiro que ela fosse negra, pobre, moradora de periferia e empregada doméstica, que pegou o vírus enquanto trabalhava na casa da patroa (Verdélío, 2020; Gragnani, 2020). O que escancarou a falácia dos discursos - tais como a do presidente do Brasil - que postulavam a falsa dicotomia entre vida e produção, isolamento e comércio, ou quaisquer outras argumentações que naturalizam os efeitos pandêmicos e escamoteiam o

necrocapitalismo e o fascismo político de segmentos da direita (Dino, 2020). Também se evidenciou com o tempo a unanimidade sobre o fato de que a disseminação do vírus não era o único alvo a ser combatido no atual contexto, já que as vulnerabilidades que ele acirrava e acirra são na verdade frutos de desigualdades estruturais globais, muito mais amplas, que dizem respeito ao tipo de sociedade e éticas que escolhemos social e ambientalmente ao longo das histórias nacionais e relações internacionais (Agamben, 2020; Antunes, 2020; Davis & Klein, 2020; Santos, 2020; Severo, 2020; Zizek, 2020).

Até 13 de março de 2021, o Ceará contava com 1.432.098 casos notificados, 469.723 mil casos confirmados, 12.239 mortes e 334.289 recuperados, com uma taxa de letalidade de 2,6; sendo a grande maioria de pessoas pardas (203.346), na faixa de 30 a 39 anos (Integratus, 2021). As desigualdades no acesso à saúde, dentre os múltiplos fatores de vulnerabilidade, chegaram a colocar Fortaleza e seu entorno na região do país com maior mortalidade pela doença, com um coeficiente de mortalidade de 564,9 na primeira metade do ano de 2020, com números alarmantes nas regiões periféricas da capital (Mota, 2021). Após um momento de abertura no final do ano de 2020, os municípios cearenses foram aos poucos aderindo novamente ao *lockdown* no começo de 2021, com a chamada segunda onda, devido ao surgimento de uma nova variante brasileira, mais letal e com maior carga viral, apresentando casos de reinfecções e em pessoas mais jovens, inclusive quadros respiratórios em crianças (Diário do Nordeste, 2021b; Farias & Nascimento, 2021). Nos primeiros três meses do referido ano, o Ceará contabilizou 11,4 mil casos a mais entre pacientes de 15 a 39 anos (Viana, 2021).

Comparativamente, em 2020 os/as jovens morreram mais pelo vírus letal da violência institucional e urbana, do que pelo coronavírus, embora tenham implicações diretas e indiretas de morarem na quinta cidade brasileira com mais mortes por covid-19 (Congresso em Foco, 2021). A violência é uma das manifestações mais perversas das desigualdades raciais, de gênero, de território e etc.; e das combinações de múltiplos fatores que implicam na distribuição desigual das mortes e dos impactos da pandemia. De acordo com o relatório do Comitê Cearense pela Prevenção de Homicídios na Adolescência (2021), diferente dos dados do coronavírus, o ano de 2020 no Ceará foi um dos mais alarmantes em termos de violência contra segmentos juvenis, sendo caracterizado pela morte de 12 adolescentes por semana. Fortaleza foi a cidade brasileira em que o número de vítimas de homicídio doloso mais cresceu (Guimarães, Costa & Bueno, 2021). Ao longo do ano foram registrados 4.039 homicídios no Ceará, sendo um total de 16% de adolescentes entre 10 e 19 anos, significando a morte de um adolescente

do sexo masculino a cada dois dias e a cada cinco dias do sexo feminino, um aumento de 101% e 69%, respectivamente, com relação a 2019. Também foi um ano marcado pelo crescimento de vítimas de violência institucional e o mais letal para a população de pessoas travestis e transexuais, com um aumento de 100%, no mesmo período; e para crianças com menos de seis anos, desde 2010, início da série da SSPDS (Cada Vida Importa, 2020a). De modo que, apesar do contexto de acirramento das vulnerabilidades e das mortes com a pandemia, a violência foi epidêmica no Estado, com destaque para o fato de que a juventude estava na mira do Crime (Guedes, 2021).

Atentas a esse contexto de produção da insegurança social enquanto produto da ascensão do Estado penal (Wacquant, 2012; Mbembe, 2016; Bento, 2018), organizações públicas e da sociedade civil e política da capital e do Estado do Ceará passaram a chamar a atenção tanto para a pandemia, quanto para as epidemias de violência, que assumiram uma escalada desde 2017, em contraposição a queda do orçamento da assistência social (Cedeca Ceará, 2019). Chegaram a traçar planos contra a letalidade, visando à garantia dos direitos e da proteção integral de crianças e adolescentes previstos no Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, numa clara denúncia de seu descumprimento (Comdica, 2019). Em nota pública, o Fórum Popular de Segurança Pública do Estado do Ceará (2020) chamou atenção para a escalada de homicídios durante a pandemia, majoritariamente decorrentes da ação de agentes públicos e de grupos armados, os quais atingiram principalmente adolescentes e jovens negros e pobres. A epidemia de homicídios, assim denominada devido à incidência de homicídios maiores do que o limiar epidêmico estabelecido, de 10 mortes por 100.000 habitantes, revela também desigualdades de gênero, evidenciando vários marcadores sociais da exclusão (Cada Vida Importa, 2020b). Como destacou Talita Maciel (2020):

Jovens tombam um após o outro numa sucessão de assassinatos que parece não indignar mais. Famílias enterram seus idosos em rituais de lutos incompletos. Decretos governamentais tomam decisões que, na prática, apontam quem vai viver e quem vai morrer. Na pandemia do vírus e da desigualdade, o racismo estrutural escancara o significado de morar na periferia.

[...]

Cárcere, fábrica ou caixão, parafraseando o clássico Cárcere e fábrica, é o resumo da política do “deixa morrer”. Genocídio da existência subjetiva, da humanidade profunda. É o fim imposto pelas mortes violentas que, somente nos cinco primeiros meses de 2020, vitimaram 798 adolescentes e jovens, entre 12 e 24 anos no Ceará, segundo dados do governo. Entre a hora que você acorda e a que se deita são cinco jovens tombados. E um universo de famílias enlutadas.

A metáfora corrente na criminologia, desde seu surgimento, da sociedade como um corpo que reage ao crime naturalmente, tal como anticorpos reagem às bactérias,

assumem nesse momento outro lugar (Rauter, 2001). Não só pela referência que faz da violência institucionalizada que impacta a vida de jovens e seus familiares, mas também porque os anticorpos num país estruturalmente desigual e racista implicam na luta diária e afirmação da vida, diante do vírus e da bala. Notadamente no contexto de pandemia cujo modelo de contenção carrega uma “lógica que pressupõe que as pessoas tenham casa, dinheiro para comida e que contem com os meios para se conectar com os outros”, totalmente alheia às condições reais de boa parte da população negra, pobre e periférica (Davis & Klein, 2020, p. 13).

O contexto de pandemia e isolamento social tendo colocado de modo mais explícito a maneira como o capitalismo neoliberal, em sua necropolítica à brasileira, agencia a gestão da vida e da morte da população, ou como os poderes necrobiopolíticos incidem na população negra e periférica distribuindo de modo desigual o direito à vida, ao luto e a própria humanidade (Foucault, 2008; Wacquant, 2012; Rech, 2012; Mbembe, 2016; Bento, 2018; Butler, 2018; 2020; Barros, et. al. 2019a; 2019b), fez não só da luta pela vida uma urgência, mas também da temática da “saúde mental enquanto direito” o norteador de nossas ações com os grupos de jovens. De acordo com Biernath (2021), alguns autores passaram a alertar também para uma possível epidemia oculta e seus desdobramentos em longo prazo proveniente dos impactos do coronavírus na saúde mental, principalmente em termos de estresse, ansiedade e depressão. Uma preocupação sempre no horizonte de nossos fazeres diários, somada a percepção dos desafios da rede de atenção psicossocial quanto à promoção e ao atendimento em saúde mental.

Como formas de enfrentamento e resistência, no campo da saúde mental ou da política de Assistência Social e Direitos Humanos, é possível encontrar exemplos de como os dispositivos grupais podem atuar no sentido de articular intervenções contra hegemônicas, promoção e produção de saúde e subjetividades outras que não as ligadas ao controle social (Santos & Nechio, 2010; Sato et al., 2017). Se por um lado à execução de políticas de Saúde e Assistência Social e Direitos Humanos viu no grupo uma estratégia econômica de redução de custos e filas de espera; por outro, instituições e espaços comunitários fizeram do grupo uma aposta na “não individualização do sofrimento, a aprendizagem de uns com os outros, o estímulo e o suporte de mudanças” (Sato et al., 2017, p. 486). Assim esse entendimento também contribui para a compreensão de que o “processo de subjetivação singularizante [...] instaura novos modos de funcionamento regidos por princípios sempre inventados e transitórios e que,

por serem bifurcantes, distanciam-se das determinações subjetivas estabilizadas para criar novas experiências de mundo fugidias” (Tavares et al., 2011, p. 99).

Por isso a importância de apostar na potência do manejo de dispositivos grupais com jovens e reflexões sobre juventudes, periferias e pandemia para compreender as implicações daí provenientes, principalmente considerando “o grupo como dispositivo potente e privilegiado para trabalhar as questões e efeitos para os sujeitos que vivenciam situações sociais críticas”, tendo em vista que ele cria “possibilidade de fazer laço, de alçar como questão do humano as situações vivenciadas por alguns e pela possibilidade, diante do mal-estar e do que segrega, subverter e recriar formas de estar juntos e se reconhecer” (Sato et al., 2017).

Porém, como Silva e Carvalhaes (2016, p. 248) sugeriram, a psicologia deve ser considerada em suas contradições constituintes, enquanto “um campo híbrido, onde estratégias de controle do corpo populacional e formas de resistência a concepções hegemônicas de ser humano coexistem em disputa”, situada dentro da sociedade capitalística e dos processos de subjetivação contemporâneos e neoliberais. Por isso, seguindo esses autores, demarcamos sua atuação no agenciamento de políticas públicas e sociais, lançando luz às possibilidades de experimentações clínico-políticas capazes de contribuir para construções coletivas e mudança nas realidades sociais de seu campo de atuação, longe de noções individuais, intimistas, familistas e/ou pulsionais (Silva & Carvalhaes, 2016). Notadamente através da pergunta de partida: que efeitos o contexto de pandemia têm produzido na vida de jovens inseridos em periferias de Fortaleza? E as reflexões sobre as intervenções da psicologia no campo dos direitos humanos, a partir de discussões sobre saúde mental e do agenciamento de dispositivos grupais enquanto ações micropolíticas capazes efetivamente de modificar as desigualdades vigentes.

2 METODOLOGIA

2.1 Tipo de Pesquisa

A pesquisa de caráter qualitativo e participativo, fruto do desdobramento do estágio em psicologia em um Centro de Defesa, foi realizada entre os meses de abril e dezembro de 2020, a partir do acompanhamento de reuniões virtuais realizadas com dois grupos de jovens de territórios periféricos de Fortaleza. A opção pela pesquisa-inter(in)venção esteve associada ao objetivo de cartografar os efeitos da pandemia no cotidiano desses jovens, através do agenciamento do dispositivo grupal enquanto estratégia para produzir e construir com eles espaços para elaboração da experiência da pandemia. Como vários autores destacaram, a potência do trabalho interventivo e inventivo com jovens está tanto nos aspectos micro quanto nos macropolíticos e sociais, significando uma escolha ético-estético-política de produzir conhecimento com os/as próprios/as jovens e de problematizar os lugares de poder-saber dados de antemão (Passos & Barros, 2015; Barros et al., 2017; Menezes, Colaço & Adrião, 2018). Conforme Barros et al. (2017, p. 458), é importante afirmar a multiplicidade sobre territórios estigmatizados, de modo a não hierarquizar demandas, tanto quanto afirmar políticas de pesquisa que considerem os agenciamentos entre subjetividade e política; e esse tipo de pesquisa pressupõe a problematização de acontecimentos com os próprios sujeitos, além de “promover análises transversais, entre a macro e a micropolítica, que ponham em destaque instituições, princípios, valores e formas de existência, agenciando movimentos de desnaturalização, produção de conhecimento e intervenção social”.

A escolha metodológica pela cartografia consistiu em acompanhar as atividades grupais em seus movimentos e indefinições, olhar para a macro e a micropolítica e apostar na experimentação com os grupos cujas ações são minoritárias, no “acompanhamento de percursos, implicação em processos de produção, conexão de redes ou rizomas” (Passos, Kastrup & Escóssia, 2015, p. 10). E em diálogo com o método de pesquisa-estágio-inter(in)venção que embarça a suposta distinção entre sujeito do conhecimento e objeto de estudo, e entre profissional-técnico que pensa e estágio que executa, foi possível considerar o coletivo de forças como o próprio plano de experiência cartográfica (Tedesco, Sade & Caliman, 2013; Passos, Kastrup & Escóssia, 2015; Menezes, Colaço & Adrião, 2018; Kolker, 2018). Inclusive, considerando a relação entre

sujeitos, grupos e instituições, em cuja intersecção esta pesquisa se encontra. Nesse sentido, a partir do dispositivo grupal, foi possível articular juventudes e pandemia problematizando as temáticas trazidas nos encontros virtuais e o modo como eles ressignificaram o contexto de isolamento social, sem desconsiderar o caráter ativo do grupo e suas configurações em cada discussão.

2.2 Local da Pesquisa

O Cedeca Ceará, localizado na cidade de Fortaleza, é uma associação civil sem fins lucrativos, composta por pessoas da sociedade civil e instituições associadas, fundada em 1994, que tem como missão a defesa jurídico-social de crianças e adolescentes, especialmente quando violados pela ação ou omissão do Poder Público, visando o exercício integral e universal dos direitos humanos. Principalmente mediante promoção e fomento de ações em direção à garantia dos direitos à participação e à educação, bem como o enfrentamento à violência institucional e à violência sexual.

Apesar de atuar diretamente com pessoas vítimas de violência e em situação de violação de direitos, somente em 2018, esse Centro passou a contar com uma profissional da área de psicologia e duas estagiárias, as quais passaram a desenvolver atividades ligadas ao atendimento de vítimas de violência e seus familiares; e, posteriormente, ao trabalho com grupos de adolescentes e jovens de territórios periféricos da capital cearense e de mães e familiares de vítimas de violência. Sem a pretensão de substituir as políticas públicas do Estado, pelo contrário, visando uma aproximação com a rede de atenção psicossocial de Fortaleza, a estratégia era o fortalecimento individual, o encaminhamento e o acompanhamento do atendimento das vítimas de violência.

Dentre as estratégias de defesa de direitos de crianças e adolescentes estiveram presentes ações voltadas para a garantia e discussão da saúde mental com os grupos acompanhados. Assim, uma das atividades da equipe de psicologia nesta instituição foi, em diálogo com sua história e com os profissionais das demais áreas que a constitui, formada por arte-educadores, assistentes sociais, comunitários e jurídicos, a reflexão sobre os processos de subjetivação num contexto de violência e racismo estrutural, bem como a produção de estratégias em saúde mental para seu enfrentamento, seja através de ações grupais, seja de atendimentos individuais.

É importante salientar que a instituição buscou várias estratégias para garantir o acesso à internet, com a distribuição de chips recarregados, e a participação nas atividades virtuais, através da mobilização grupal e individual antes de cada encontro por parte dos/as arte-educadores/as. Não obstante, situações como o compartilhamento do celular – o principal, senão único, meio de acesso – com familiares e instabilidade das redes de *Wi-Fi* na periferia impossibilitaram um maior alcance do público almejado. Apesar disso, nosso foco foi direcionado para as potencialidades do encontro e não para as dificuldades do manejo virtual com grupos de adolescentes e jovens, tendo como pano de fundo o trabalho coletivo, inventivo e dialogado entre as estagiárias e a psicóloga-preceptora.

2.3 Participantes do Estudo

Participaram dos momentos grupais de modo regular dois grupos de adolescentes e jovens, e pontuais outros dois novos grupos. Todos eles moradores de bairros periféricos da cidade de Fortaleza-Ceará, com idades entre 13 e 21 anos, sendo a maioria caracterizada enquanto estudantes, negros e negras, e pobres, com dificuldades de acesso às políticas públicas básicas como saúde, educação e cultura. Alguns deles e delas se identificam como LGBTQIA+ e participam de movimentos e coletivos locais de enfrentamento ao racismo, a lgbtfobia e à violência letal no Estado. Entendendo a arte como elemento fundamental para a produção e agregação de sentidos e demarcação de identidades e fronteiras simbólicas, os adolescentes e jovens também podem ser caracterizados como grupos de jovens que participam de espaços de produção de arte, cultura e política da capital cearense (Laranjeira et al., 2018).

Um dos grupos já tinham tido várias atividades presenciais no Centro de Defesa da Criança e do Adolescente, portanto já tinha um processo de aproximação com a instituição e com os demais membros; enquanto outro ainda estava na construção de um grupo e de vínculos interpessoais e institucionais. Ambos estavam tendo as primeiras atividades/experiências mais diretas com uma equipe de psicologia, apesar de terem aderido de pronto à possibilidade de encontro, ao entender a necessidade disso no contexto de pandemia do vírus e da violência e a virtualidade de uma pandemia oculta.

A proposta é que essa pesquisa-inter(in)venção retorne para as equipes que atuam com os grupos de adolescentes e jovens nos territórios - e para os próprios jovens, assim

que possível - chamando atenção para a importância da ampliação do debate acerca da saúde mental enquanto direito e da facilitação de espaços de escuta e partilha sobre os sentimentos, as ações e estratégias de (auto)cuidado no cotidiano de jovens periféricos, sobretudo em contexto pandêmico e epidêmico de violência. É urgente a ampliação da concepção de “vítimas de violência” ou da covid-19, e da discussão sobre seus efeitos, pois, como veremos ter ou não pessoas próximas que contraíram o vírus ou perderam a vida pelo coronavírus, não tem relação direta com sofrer mais ou menos seus efeitos no dia a dia.

2.4 Estratégias Metodológicas

A principal estratégia foi estabelecer momentos grupais com adolescentes e jovens que desenvolvem atividades artístico-culturais nos territórios periféricos de Fortaleza, durante os meses de abril e dezembro de 2020². Nesse período, com os 04 (quatro) grupos de adolescentes e jovens foram realizados 10 (dez) encontros, sendo 08 (oito) com dois grupos do Pirambu, 01 (um) com um grupo do Bom Jardim e 01 (um) com um grupo do Jangurussu-Ancuri.

Tabela 1 – Encontros grupos de jovens 2020

Grupo 1		
09 mai. 2020	Quarentena	5 jovens
27 jun. 2020	Saúde Mental	6 jovens
01 ago. 2020	Saúde Mental	6 jovens
Não aconteceu por falta de agenda dos membros do grupo	Encerramento	-
Grupo 2		
28 abr. 2020	Quarentena	4 jovens
09 jun. 2020	Quarentena	2 jovens
23 jun. 2020	Quarentena	4 jovens
04 ago. 2020	Saúde Mental	4 jovens
08 dez. 2020	Encerramento presencial: Esquetes sobre Saúde Mental	9 jovens

Fonte: produzido pela autora com base nas atividades desenvolvidas com os grupos.

² Além das atividades com a equipe de psicologia, os jovens tinham encontros semanais com os e as profissionais do Núcleo de Formação, por isso no nosso cronograma as ações ficaram espaçadas no segundo semestre quando eles desenvolveram mais atividades e apresentações teatrais. As ações eram organizadas em planos metodológicos e posteriormente eram construídas relatorias do encontro, ferramenta de registro adotada coletivamente pelas equipes do Cedeca, feita através de uma pessoa da equipe designada para tal. Indubitavelmente o contexto virtual possibilitou descrições mais acuradas das falas e maior amplitude da elaboração de estratégias inter(in)ventivas pela equipe, que fazia o resgate das ações anterior no processo de planejamento da atividade seguinte. As reflexões foram feitas a partir desse material, incorporado nas reflexões dos diários de campo em diálogo com a teoria da esquizoanálise.

Tendo em vista que repetimos a discussão sobre saúde mental para todos os grupos dos três territórios trabalhados, Pirambu, Bom Jardim e Jangurussu-Ancuri; e obtemos resultados semelhantes aos apresentados pelos outros grupos, optamos para essa pesquisa darmos ênfase apenas aos dois grupos que participaram das atividades desde o início do ano. Quanto às temáticas trabalhadas com os grupos de jovens foram 04 (quatro) sobre os impactos da quarentena em seus cotidianos e 06 (seis) sobre a saúde mental enquanto um direito.

Convém destacar que os grupos selecionados foram mediados pela equipe de psicologia, composta por uma psicóloga e duas estagiárias, e contou, em alguns momentos, com a participação da equipe da arte-educação. Ao longo do ano, além desses encontros, os grupos tinham várias atividades e encontros semanais com os/as arte-educadores/as, a assistente social e as estagiárias de serviço social. Isso impactou na distribuição dos encontros ao longo do ano. Para evitar identificações não serão trabalhados quaisquer elementos dos grupos ou detalhadas as ações específicas de encaminhamento e acompanhamento dos mesmos. Vários elementos foram intencionalmente omitidos desta reflexão para garantir o sigilo dos e das jovens.

Os encontros passaram a ser realizados via plataforma online, *jitsi meet*, utilizando chamadas de vídeos, com as/os adolescentes que se sentiam à vontade para ligar suas câmeras e aqueles/aquelas que tinham viabilidade técnica. Na prática, eles seguiram o fluxo das demandas que surgiam das implicações no cotidiano dos e das participantes da pandemia, de maneira que entre as primeiras temáticas que emergiram do grupo de jovens, podemos destacar: “Quarentena: movimentações e dinâmicas nos territórios antes e depois da Covid-19”, “Como cuidar da minha saúde mental em um contexto de violência e pandemia?” e “Cuidado e autocuidado: resistir diante de situações de violência e diante do contexto de pandemia”.

Do ponto de vista teórico, partimos das reflexões provenientes da esquizoanálise de Deleuze e Guattari (2012), por que eles relacionam clínica e política, sem dicotomizar indivíduo e coletivo, propiciando reflexões sobre o uso do dispositivo grupal e do papel da arte e do afeto para a produção de processos de singularização e o agenciamento de máquinas de guerra nesse cenário de violência necropolítica e racismo estrutural à brasileira (Barros, et. al. 2019a; 2019b).

Selecionamos como material usado para esta análise os diários de campos e a bibliografia que serviu de base para pensar clínica e política (Deleuze & Guattari, 2012).

Além de considerar outras pesquisas em psicologia social que tem evidenciado a potência não só da escuta de jovens de territórios periféricos e as implicações psicossociais da violência em suas vidas e cotidianos, mas também do trabalho com o grupo enquanto dispositivo (Costa, 2018; Leonardo, 2019). Sem perder de vista os riscos de reproduzir desigualdades e controles, pressupostos construídos em torno de “meninos de projeto”, operando por captura ou intervindo de modo aprisionador nos processos de subjetivação das juventudes (Tavares et al., 2011).

2.5 Análise de dados

A análise de dados considerou as opções teórico-metodológicas da cartografia e da pesquisa-intervenção, consistindo no acompanhamento do dispositivo grupal através do traçado de linhas que costuraram os encontros virtuais com os distintos grupos de adolescentes e jovens (Tedesco, Sade & Caliman, 2013; Menezes; Colaço & Adrião, 2018; Passos, Kastrup & Escóssia, 2015). Os temas recorrentes foram agrupados, usados como analisadores e, em seguida, usados para a reflexão, a partir de citações-chave das discussões selecionadas. Como Benevides (1997, p. 99) ressaltou, “qualquer dispositivo [agência] quatro tipos de linha: a de visibilidade, a de enunciação, a de força e a de subjetivação”. Essas linhas criam campos de visibilidade e dizibilidade que conformam em cada momento estratos e molaridades num dado campo de forças e formação social, mas também podem agenciar outras histórias e modos de sentir, perceber e dizer, quando sabemos extrair delas variações nas rachaduras que produzem com seus “atos-cortes-de-fluxos” (Benevides, 1997, p. 101).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Trabalhadores na rua
 O pap é pop, quarentena é pop
 Cardi B fez mais que o presidente
 Porra, amo o hip-hop
 Que nada, eu tô cheio de ódio, pô
 Tô cheio de ódio e tô na bruxa, tá ligado?
 Eu não tenho dinheiro pra pagar plano, não tem
 cura essa desgraça
 Se eu pegar essa desgraça, já era eu, irmão
 Tá maluco? Eu quero viver, parceiro
 (Coronavírus)
 É, homem (shit is real)
 Aqui no bairro também o bagulho tá doido, cara
 Tô tendo que sair pra fazer meus corre aqui (vírus)
 Que eu não posso ficar o tempo todo em casa (shit
 is real)
 E a galera não parou de tramar ainda
 (Coronavírus)
 Padaria aberta, mercado aberto, lava-jato
 Que os cara não tem o privilégio de ficar em casa,
 né (shit is real)
 E é isso (Co-Coronavírus)
 Porra, mano, tá louco, pivete (shit is real)
 Minhas conta vencendo, não tem como trabalhar,
 aqui tá tudo parado
 A coisa aqui em São Mateus tá estranha, de
 verdade (Coronavírus)
 O pessoal tá começando a tomar ciência agora, tá
 ligado?
 Uns coxinha tá saindo espalhado por aí,
 Ninguém tá entendendo nada (shit is real)
 Mas tem muita gente ainda que tá
 Tá tendo que sair pra fazer o corre, como sempre
 (Coronavírus)
 Aqui no Complexo do Alemão a gente tá
 apreensivo, né
 Irmão, eu me'mo moro na Cracolândia, tá ligado?
 Desde pivete
 E nunca vi mudar, tio, sempre a me'ma fita
 É uns tendo a mesa farta no café da manhã
 Outros guardando o café pra comer no almoço
 Nem sabe se vai ter a janta, tio
 É muita barriga roncando de fome e o mundo
 socando de barriga cheia
 Isso que é foda, irmão
 Mas tá ligado, veinho, nós tá seguindo na luta aí
 Eu me'mo, tô, tenho o meu teto aqui, né não,
 cachorro?
 Querendo ou não é um certo privilégio
 E a rapaziada que nem, às vezes
 Tem um lugar pra cair, pra bolar um descanso
 É foda, irmão
 Mas 'tamo' junto, negão
 Tá ligado, aquele abraço
 (Co-coronavírus)
 Coé, cara, tu viu o vídeo da Cardi B mandando
 lavar a mão? (Shit is real)
 (Amo Cardi B e Odeio Bozo, Baco Exu do Blues)

3.1 “Momento Covid-19”: conversações juvenis sobre pandemias e periferias

Analisando o material produzido em torno dos grupos com jovens gostaríamos de destacar inicialmente como eles e elas tematizaram a pandemia nos encontros grupais, tendo em vista que esse foi o tema predominante nos encontros, mesmo quando a pauta era saúde mental. É importante destacar que algumas intervenções foram feitas no sentido de não relativizar a importância de estar em casa, usar máscaras e se cuidar, embora a maioria tenha sido feita no sentido de potencializar as redes comunicativas, interativas e inventivas (Laranjeira et al., 2018). A abertura à experiência grupal foi imprescindível no manejo das conversas e das ações com os/as jovens.

Por isso, optamos por iniciar os grupos virtuais propondo o “Momento Covid-19” para o compartilhamento de notícias e questões que surgissem no mês acerca da temática, na experimentação grupal acabou sendo esse o mote central de todos os encontros. Devido à situação mundial de isolamento e uma possível “crise econômica mundial de escalas apocalípticas e uma brutal mudança de comportamento, que trarão consequências relevantes para “depois” da Covid-19”, proliferaram nos jornais, revistas, blogs e redes sociais “opiniões” sobre o atual contexto (Tostes & Melo Filho, 2020, p. 12), além de pesquisas sobre o pandemônio instaurado pela pandemia (Augusto & Santos, 2020; Cabelo & Ghiraldelli Jr., 2020). A estratégia que adotamos foi acompanhar as recomendações feitas em termos de saúde mental e atenção psicossocial, considerando contextos de crises e desastres, as quais destacam a importância, dentre outros, da informação, do acolhimento e do estabelecimento de novos hábitos e rotinas para minimizar os impactos de grandes mudanças (Cartilha, 2020; Schmidt et al., 2020).

A ferramenta principal sugerida foi a produção de um caderninho individual, virtual ou em papel, denominado de “diário de quarentena”, onde eles registrassem suas impressões e compartilhassem percepções do entorno, através da escrita, colagem, desenhos, etc.. Até o segundo encontro ainda tentamos incentivar tais produções propondo o “desafio do mês”, com alguns temas-chave para servir de mote para o registro, porém não tivemos a adesão esperada. Na verdade, a proposta não teve o resultado esperado que era a produção de materialidades sobre essa experiência de quarentena, mas percebemos que, por diversas vezes, estiveram no horizonte de suas reflexões e foram sendo trazidas em suas falas ao longo dos encontros. A própria materialidade ganhou corporificações, já que danças e práticas de autocuidado foram acionadas como diários escritos no corpo e trazidos sutilmente em alguns encontros, ou

usados como mote para expressões artísticas externas. Entre as justificativas estavam: não ter caderno para fazer isso, não ter lembrado, não ter tido criatividade, ou não ter conseguido tempo para fazer um diário, seguindo apenas com escritas pontuais. Pelo menos dois/duas jovens de cada grupo, entretanto, falou abertamente que fez o caderno, mas preferiu continuar compartilhando de forma dialogada com os/as demais. Sobre os desafios, o primeiro foi escrever sobre a percepção das pessoas ao redor sobre a quarentena, sobre o que aparecia nas redes sociais, na televisão ou nas conversas cotidianas; e trazer algum filme, série, livro, canal do *youtube*, etc., que estivessem sendo usados para se distrair. O segundo foi listar ações feitas durante o mês que fossem identificadas por eles como cuidado de si e do outro; e procurar algum *meme*, *post* ou texto que definisse o que era psicologia para eles. Ambos acabaram retornando nos encontros e diálogos posteriores sem referências diretas aos desafios, como veremos.

Então a estratégia principal acionada foi o próprio grupo enquanto dispositivo de intervenção psicossocial, ou mais especificamente, problematizando o grupo enquanto prática clínico-política de resistência à lógica de individualização e à cultura de homogeneização (Sato et al., 2017; Kolker, 2018). Desta feita, do ponto de vista dos objetivos do grupo, além de ser um momento de escuta e compartilhamento das vivências e demandas da juventude dos territórios acompanhados, os encontros também passaram a engendrar partilhas sobre as vivências na quarentena e as mudanças da rotina do bairro e dinâmica da violência.

Os primeiros encontros com cada um dos grupos tiveram uma abordagem semelhante, tendo como objetivo inicial conhecer cada jovem e compartilhar como estava a rotina no bairro com o isolamento social. A dinâmica proposta foi que cada um/a se apresentasse destacando uma característica sua ou curiosidade. No grupo 1, além da idade e das atividades que desenvolviam, a maioria deles/as destacou o signo e as pequenas mudança de rotina em casa e no bairro, um deles destacou: “Assusta muito ver as pessoas de máscara, olhar para as pessoas e só ver os olhos delas (...) eu gosto de ver o rosto das pessoas (...) [e é difícil] não poder mais olhar o rosto das pessoas... eu reparava muito na cara das pessoas, sabe?” (Grupo 1, 09 mai. 2020). Já no grupo 2, eles/as preferiram se apresentar falando das séries que estavam assistindo e do que gostavam de

social, como a perda de emprego e a convivência mais próxima com pessoas antes distantes (Grupo 1, 09 mai. 2020). Evidenciando que existiam dificuldades na elaboração subjetiva da pandemia e do isolamento social, bem como questões em torno do confinamento domiciliar. Conforme destacou Gouveia (2020, p. 14), é necessário problematizar o fato de que “o isolamento social tem sido implementado por meio do confinamento domiciliar da população”, ainda que seja difícil supor que “toda população brasileira possua residência em condições minimamente adequadas para um período relativamente longo e indefinido de isolamento”, sendo as precárias condições de moradia um importante indicativo das limitações do isolamento social e adoção de medidas de higiene, bem como os desafios que se colocam a própria relação interpessoal com familiares, sendo a rua o lugar social preferencial de jovens. Algumas cartilhas, manuais e orientações foram produzidos e divulgados com o intuito de minimizar os impactos da ampliação da convivência familiar e a produção de estratégias de enfrentamento e manejo dos desafios, notadamente formas de lidar com o estresse daí proveniente (Secretaria de Saúde, 2020; Pucrs, 2021; Onu Brasil, 2020; Who, 2020).

Apesar das dificuldades de elaboração, as linhas de visibilidade e dizibilidade traçadas por suas falas evidenciam fatores estressores decorrentes de outras mudanças devido à situação pandêmica, uma das adolescentes foi demitida do emprego, outra estava trabalhando na linha de frente de hospitais, por ser técnica de enfermagem, na casa de outro quem perdeu o emprego foi a mãe, que passou a ficar em casa mais tempo e aflita pela situação econômica familiar. Em vários casos houve mais contato com a família do que com amigos. Acrescente-se a isso o fato de que, de acordo com o Fundo das Nações Unidas para a Infância, cerca de 95% das crianças e adolescentes matriculados nos sistemas de ensino da América Latina e Caribe estavam sem frequentar a escola (Schmidt et al., 2020). Na pesquisa da Fundação Abrinq (2021) sobre o Cenário da Infância e Adolescência no Brasil, verificou-se que, entre os meses de julho e novembro de 2020, em média, 1,66 milhão de crianças e adolescentes de até 17 anos não estavam estudando. Além de estarem domiciliado e ter deixado de frequentar a escola, boa parte dos/as jovens viram as dinâmicas familiares sofrerem modificações provenientes da situação de informalidade do trabalho e das dificuldades de boa parte da população periférica, negra e pobre de exercer não só as atividades laborais, mas também as escolares de modo remoto. Em outras palavras, a maioria dos brasileiros vive a precariedade, a informalidade e “não possui condições básicas para exercitar o isolamento social, uma vez que este é agravado com possíveis riscos e ameaças ao seu

bem-estar, com a impossibilidade de manter seus empregos e, conseqüentemente, suas rendas, com aumento da violência, dentre outros” (Gouveia, 2020, p. 14).

A somatização da insegurança e da vulnerabilidade social foi um dos aspectos que permearam o diálogo sobre pandemia e periferias, isso pode ser acompanhado nas respostas da população, que experienciam amplamente a precariedade da vida e a busca pela sobrevivência: 76% temem a superlotação de hospitais, de modo que não seja possível atender todos os/as doentes; 73% dos/as entrevistados/as dizem que estão no grupo de risco ou moram com alguém que faz parte dele, 70% estão com medo do desemprego e da segurança de amigos/as e familiares; 70% estão encucados/as com a possibilidade de sofrer cortes de salário ou perder direitos trabalhistas; e 59% dizem que a palavra “insegurança” é o que mais define seus sentimentos em relação à Covid-19 (Biernath, 2021). Isso se reflete também no fato de que do total dos/as entrevistados/as 47% têm dificuldades para relaxar, enquanto 23% não conseguem dormir bem (Idem).

Quando observamos os principais efeitos para os/as jovens, na faixa dos 15 aos 29 anos, eles/as destacaram que as condições física e emocional foram prejudicadas desde o início do isolamento, sendo a higiene pessoal uma exceção, já que 6 a cada 10 jovens afirmaram ter melhorado (Conjuve, 2020). Considerando somente a lista do que piorou muito, temos: atividades de lazer e cultura (44%), condicionamento físico (31%), estado emocional (29%), qualidade do sono (26%), disponibilidade de recurso financeiro (25%), alimentação (14%), relacionamentos dentro de casa (8%) e higiene pessoal (1%) (Idem). Sendo a lista do que melhorou muito o oposto disso, além de higiene pessoal, destacam-se os relacionamentos dentro de casa (34%), alimentação (8%) e qualidade de sono (8%). O que explica o fato de que nos grupos as modificações nas relações e dinâmicas familiares também sofreram alterações do ponto de vista de aproximações com parentes. Uma das jovens depois de narrar sobre a intensificação do convívio e do novo “costume de sentar e conversar” com seus familiares, compartilhou a conclusão a que chegou, devido ao estabelecimento deste novo hábito: “tenho que aprender também com a minha família, tá na vida para aprender com a vida...” (Grupo 2, 28 abr. 2020).

Além de destacarem a intensificação das atividades domésticas, um dos grupos, predominantemente de meninas, salientou também as estratégias para não ficar sem fazer nada durante os dias em casa, tais como dançar, ler, bordar e desenhar (Idem). O apelo em torno dos cuidados da casa se fez presente na vida das jovens e das arte-educadoras, muito mais do que dos participantes do sexo masculino. Uma das adolescentes ressaltou que fazia tudo isso enquanto estava realizando tarefas domésticas, “passo o dia fazendo

várias coisas em casa, dizendo que tô fazendo arte” (Grupo 2, 09 jun. 2020), e que era muito bom conversar com a gente, já que em casa ninguém tinha paciência para ouvi-la; e completou:

[...] eu tô conversando, desabafando, porque aqui em casa, ninguém tem paciência pra me ouvir porque eu falo demais, não sei se vocês perceberam, e aqui é na base do faz o que quiser, minha mãe vive ocupada, por mais que esteja dentro de casa, e minha sobrinha tem as coisas dela pra fazer, então praticamente eu converso comigo mesma (Grupo 2, 23 jun. 2020).

De acordo com Moreno & Ayala (2020), o impacto do gênero tem sido largamente ignorado em processos de emergência sanitária, não obstante o fato de que uma das vias claramente identificadas desse impacto é a distribuição do cuidado das pessoas e da casa em larga medida para as mulheres. Isso sem contar a intensificação do trabalho não remunerado e o dismantelamento das políticas de igualdade (Moreno & Ayala, 2020). Conforme Mayorga (2019), a teoria e luta feminista tem em comum com o campo de estudos da juventude o fato de que a exclusão, as desigualdades sociais e as relações de poder no Brasil são estruturadas a partir da interseção entre categorias como gênero, raça, classe, sexualidade, geração e território. De modo que as experiências de adolescência e juventude, assim como a das mulheres, são construções históricas que atribuíram significados vinculados à natureza, não racionalidade e não civilização, com sérias implicações nas concepções e acesso a cidadania e aos campos do público e privado (Mayorga, 2019). Então diante de problemas como a do isolamento social por ocasião da Covid-19 não é incomum encontrar relatos de silenciamento das experiências desses segmentos, assim como o acirramento das desigualdades de gênero e relações de poder aí articuladas, embora de modo imediato isso seja silenciado em grupos como os que estamos tratando aqui. Já que o patriarcado e o adultocentrismo estabelecem lugares dados de antemão para aqueles que têm seu direito à participação e reconhecimento enquanto sujeitos de direitos e atuantes no campo político impedidos (Idem). Ainda que as atividades elencadas por elas, lidas socialmente como típicas de mulheres, aqui foram ressignificadas enquanto estratégias de autocuidado, muito mais do que de opressão.

Um dos pontos que chamou atenção foi que nos primeiros encontros o que mais incomodava com relação ao *lockdown*, conforme sugeriram alguns dos/as jovens do grupo 1, era o fato de que “poucas pessoas que trafegam usam máscara”, “tem pessoas na rua que fazem festa todo final de semana e convida a gente”, “todo mundo da casa tá trabalhando”, logo tendo que se expor aos riscos de sair de casa, e “Está sendo ruim ficar em casa porque gosta muito de ‘bater perna’” (Grupo 1, 09 mai. 2020). O que ia de

encontro com o que consumiam na mídia, de acordo com uma das adolescentes assustava “as medidas de limpeza, o jato na roupa com cloro” e a própria televisão: “Eu não sei dizer muito bem (...) a gente fica assistindo a TV... é muito difícil digerir a comida desse jeito né, essa é a parte ruim, tá sendo muito difícil” (Idem).

O negacionismo da letalidade do vírus e da gravidade da situação de pandemia que se expressa micropoliticamente na recusa ao uso de máscara, no apelo ao retorno da dita "normalidade" das coisas e que encontra eco nas argumentações mais distintas, tais como a permanência de ônibus lotados, o suposto fracasso da economia proveniente do isolamento, entre outros; na verdade expressam uma atualização da lógica neoliberal que produz efeitos subjetivos significativos ao reverter uma situação coletiva para a intensificação da pressão por responsabilização individual. A lógica que coloca no indivíduo a culpa das desigualdades e contradições sociais não é nova, o que difere são as argumentações e as feições que assumem no contexto pandêmico atual. Uma de suas faces visíveis é a própria adesão subjetiva dessa responsabilidade, fazendo uso de críticas aos familiares, amigos/as, vizinhos/as e conhecidos/as que não estão aderindo ao isolamento, em prol de um cuidado que cada um/a deve buscar por si mesmo/a. Ou, ainda, nestes últimos casos, adesões subjetivas - em grande medida inconscientes - as próprias dinâmicas necropolíticas e suicidárias que invertem a lógica do risco e colocam em pólos extremos a luta pela sobrevivência *versus* a exposição à morte, quando deveria ser garantido a todos/as o direito ao isolamento social em condições dignas. Em ambos os casos, permanece implícito não somente o caráter global e coletivo do enfrentamento ao vírus, como a omissão do Estado na diminuição do impacto da pandemia na vida da população e seu próprio papel no aumento do negacionismo, além de escamotear as desigualdades que impossibilitam de antemão saídas democráticas e equitativas.

Conforme Zizek (2020), a pandemia do coronavírus não é somente um fenômeno biológico que se abateu sobre a humanidade, mas também um fenômeno cultural extremamente conectado com a cultura humana, a economia e o comércio globais, a rede de relações internacionais, os mecanismos ideológicos do medo e do pânico. E como tal, ela assume contornos e significados diferenciados conforme os grupos sociais e os espaços considerados, já que ela mistura inextrincavelmente processos naturais, econômicos e culturais (Zizek, 2020), com impactos ainda não dimensionáveis nos processos de subjetivação de toda a população. Como a música do Baco Exu do Blues enfatiza no começo deste tópico, o encontro do vírus com as desigualdades sociais da periferia vai chegando aos poucos e não tem fórmula pronta para como as pessoas vão

lidar, já que mesmo o isolamento é um luxo e privilégio de poucos, notadamente da branquitude, em um Estado racista e historicamente desigual como o Brasil, acentuado ainda mais pelo neoliberalismo global, cuja lógica do mercado é a da produção de corpos supérfluos e pela lógica da guerra contra a própria população, expondo-a a morte (Lazzarato, 2019). Assim, se por um lado a mídia cobra o cumprimento de medidas sanitárias, por outro ela escamoteia as desigualdades estruturais que impossibilitam protocolos simples como ter água e esgoto em casa, ou mesmo a importância do auxílio emergencial por parte do governo, como estratégia de proteção e diminuição da circulação. Inclusive, a disseminação de *fake news* minimizando a pandemia e as mortes, e o volume de informações que circulam pelas redes sociais e pela internet, fez com que a Organização Mundial da Saúde decretasse a situação de infodemia semanas antes de decretar a pandemia (Biernath, 2021).

Nesse sentido, é importante não perder de vista algumas dessas questões, e outras como as colocadas por Butler (2020), no horizonte de nossa reflexão acerca dessa problemática para evitar a culpabilização das periferias pelo não cumprimento das medidas de isolamento, notadamente quando a autora questiona quem tem direito à proteção, evidenciando que a precarização da vida é assimétrica dadas as diferenças de “classe, raça ou gênero [que] se imiscuem no critério com que julgamos quais vidas têm o direito de serem vividas, torna-se evidente que a desigualdade social desempenha um papel muito importante em nosso modo de abordar a questão de quais vidas merecem ser choradas”. Ao refletir sobre o que emerge da relação entre pandemia e periferias é importante fugir da lógica neoliberal ultraindividualista que postula a responsabilidade individual pressionando que o sujeito se proteja sozinho, gerando sofrimento e esgotamento, além de medo, como é possível apreender dos relatos (Lazzarato, 2012).

Situação semelhante relatada pelo grupo 2 sobre a pandemia, já que “no bairro, as pessoas não estão seguindo a quarentena, mas que não teve nenhum caso aqui na rua”, “há muita movimentação, com crianças brincando na rua” e que, como destacou outra delas, “as pessoas não se importam, estão nas esquinas e nos bares”, fazendo uma contraposição com o que fato de que ela “está seguindo o isolamento social, que raramente sai de casa” e “sempre que sai usa máscara” (Grupo 2, 28 abr. 2020). Além do isolamento, o uso de máscara tem sido usado como um símbolo da precaução com o vírus, já que os primeiros estudos apontaram a diminuição do risco de contaminação nesses casos (Schmidt et al., 2020). Citando o exemplo de São Paulo, Felicia, Silva &

Veloso (2021) destacaram que variados são os motivos apontados por jovens e outros/as moradores/as de periferia para furarem o isolamento social:

Se, por um lado, as aglomerações nas periferias são criticadas, por outro, os frequentadores rebatem com outros problemas. A secretária C.S., 29, mora em Guaianases e trabalha na avenida Paulista, no centro da capital.

Todos os dias ela sai de casa por volta das 7h, rumo ao trabalho, e diz que não viu mudanças no transporte público. “Todo dia é cheio. Basta você pegar um trem ou um ônibus. O que mudou?”, questiona.

Para ela, antes de exigir que os jovens não se reunissem, o poder público deveria evitar aglomerações nas lotações durante a pandemia. “Os caras vêm me falar pra ir para casa para ter proteção do vírus, certo? Mas de segunda a sábado, eu estou exposta à Covid-19 porque tenho que sair pra trabalhar”, comenta. “Quer dizer que no ônibus cheio eu não vou pegar, mas no baile, sim?”.

Apesar de acreditarmos no uso de máscara como uma realidade na maioria dos/as jovens participantes do grupo, como eles mesmos trouxeram, também pressupomos que haja certa desejabilidade social nas respostas e preocupações acerca desse assunto. Curiosamente ou não, durante o encontro presencial de encerramento com um dos grupos, os e as adolescentes e jovens por diversas vezes tentaram negociar o não uso da máscara, fosse sugerindo a dificuldade de falar com ela, fosse sugerindo que a distância entre eles e elas já seria suficiente (Grupo 2, 08 dez. 2020). Fora os relatos de festas e aglomerações de grande quantidade de pessoas, como as relatadas na reportagem de Felicia, Silva & Veloso (2021). Em Fortaleza, as interdições e proibições de festas clandestinas com denúncias de aglomerações não se circunscreveram aos territórios periféricos e avolumaram-se com o passar dos meses, de janeiro até setembro foi uma média de 100 ocorrências por mês (Câmara, 2021; Diário do Nordeste, 2021c; 2021d).

Conforme as recomendações da Cartilha (2020) do Sistema Único de Saúde (SUS), em parceria com a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), a pandemia impacta diferentemente a humanidade, mas pode assumir certas maneiras específicas como a desconfiança nos protocolos de biossegurança, a falta de equipamentos, a preocupação com familiares e alteração nos fluxos de locomoção e deslocamento social. Ademais, ao escancarar as contradições de uma sociedade neoliberal, hierárquica e desigual, ela produz discursos contraditórios sobre estratégias de (auto)cuidado e prevenção, a exemplo de quem pode trabalhar *homeoffice* e pessoas para quem a pobreza é uma ameaça maior que o próprio vírus (Zizek, 2020). No geral, devem ser olhados com cuidado os discursos que se produzem sobre ela e que justificam ou não intervenções policiais nas periferias em nome do isolamento social ou da lei do silêncio, já que o foco da mídia televisiva ou impressa, por exemplo, não está baseado em fatos neutros, mas

ancorado em escolhas ideológicas (Ibidem). Não à toa, dentre as estratégias de promoção de bem-estar psicológico encontram-se não só o fortalecimento de redes de apoio social, mas também o cuidado com a exposição em excesso a informações, incluindo noticiários e a importância de checar a veracidade delas (Schmidt et al., 2020). Isso porque “a abundância de vídeos, textos, gráficos, ilustrações e áudios, sejam eles verdadeiros ou mentirosos, dificulta o entendimento das orientações e gera uma crise de confiança entre a população” (Biernath, 2021).

Não obstante, em todas as falas foi perceptível modificações na circulação, na experimentação dos territórios e relações familiares e sociais. Embora não tenham falado abertamente sobre, houve indícios de que as dinâmicas de violência também sofreram mutações nos territórios, com ampliação de territórios faccionados e diminuição de territórios neutros; com o adicional dos toques de recolher e os salves, menos evidentes pela situação de isolamento, mas não menos prejudicial à saúde mental. Ao longo dos encontros eles/as passaram a narrar com mais propriedade as mudanças em seus cotidianos e as demandas surgidas no novo contexto, articulando como a macro e a micropolítica incidem em seus cotidianos: “eu ia falar sobre esse caos político, aí tipo eu tô em dois lugares que a gente tem que ficar pautando alguma coisa, as reuniões são muito frequentes, e as vezes é muito adoecedor”, e completou “porque eu sou [do coletivo], e eu tenho que pensar em soluções, aí ter que ficar ficando falando sobre racismo, política... é muito adoecedor” (Grupo 1, 27 jun. 2020). Apesar de sentir falta do teatro, uma das adolescentes disse “está sendo bom ficar em casa, eu dependia muito de outras pessoas e agora tô aprendendo sobre solidão” (Grupo 2, 28 abr. 2020), isto é ressignificando o estar sozinha em casa e em isolamento social, ao contrário dos sentimentos de solidão e vulnerabilidade identificados em outras pessoas e países (Schmidt et al., 2020).

3.2 “Os nossos acessos passam pela periferização das coisas”: (Auto)cuidado e saúde mental enquanto direito

Os efeitos do isolamento social no cotidiano de jovens acompanhados nos grupos só ficaram mais evidentes com o passar dos meses, como uma das arte-educadoras comentou, com concordância dos/as jovens: facilitou estar “mais familiarizada com a quarentena” (Grupo 2, 23 jun. 2020). Um dos efeitos apontados por eles e elas foi o

manejo do tempo e das atividades, fruto da lógica da aceleração e do rendimento típica da racionalidade neoliberal e das formas de sujeição do capitalismo, que produziu e produz sofrimentos psicossociais diferencialmente em jovens, ao fomentar a culpa e a dívida na forma como se relacionam socialmente (Lazzarato, 2012). Assim, a “quebra de ritmo” foi identificada como algo ruim, já que quase todos/as “tinha[m] muita coisa pra fazer e agora teve que parar” (Grupo 1, 09 mai. 2020) e que com a mudança abrupta ficou difícil estudar e acompanhar as atividades escolares: “Ler e escrever não tô conseguindo, minha mente não está querendo ir pra frente, eu só consigo fazer as coisas em movimento, com a cabeça muito em movimento, como minha mente tá parada, sem poder sair, fazer nada, sem se movimentar, fica só nesse eco [...]” (Grupo 2, 23 jun. 2020). O próprio isolamento demandou mudanças significativas, quando pensamos nas repercussões psicológicas:

A pandemia de Covid-19 forçou as pessoas a mudarem de súbito seus estilos de vida para novas atitudes e práticas antes impensáveis. Como a capacidade de mudanças e readaptações têm limites, elas levaram muitas pessoas a experimentarem fortes reações, tanto físicas quanto psicológicas, nem sempre saudáveis. As respostas psicológicas mais comuns são ansiedade, medo, depressão, reação de pânico e estresse pós-traumático. Além dessas, registra-se também irritabilidade, intolerância e agressividade (AbcMed, 2021).

O sentimento de não poder sair, a ansiedade ou angústia de ficar muito tempo em casa e a dificuldade de executar tarefas corriqueiras por falta de concentração ou percepção diferenciada da passagem do tempo, além de modificações na dinâmica do sono, são pontos que merecem destaque: “Eu adorava acordar cedo, agora eu tô acordando às 10 horas, eu tento fazer tudo direitinho, e eu não consigo, não gosto de dormir e acordar tarde, e eu tô tentando. Eu perco o controle de tudo, no começo eu consegui, só no começo, agora eu não tô conseguindo...” (Idem). Essas são reações esperadas em situações de exceção como as relatadas aqui, por este motivo o medo, em suas diferentes aparições, e as sensações de impotência, irritabilidade, angústia e tristeza, foram acolhidos considerando o contexto de isolamento social, o qual tendeu a “intensificar os sentimentos de desamparo, tédio, solidão e tristeza” (Cartilha, 2020). Na maioria dos casos, manifestando-se mais diretamente por meio de alterações comportamentais, tais como alterações ou distúrbios de apetite e de sono, conflitos interpessoais, violência, pensamentos recorrentes sobre a pandemia, a saúde, a morte e o morrer (Idem). Na pesquisa com jovens de várias cidades brasileiras sobre a pandemia, a ansiedade, o tédio e a impaciência foram apontados como os sentimentos mais presentes, embora tenha sido notável a diferença entre mulheres e homens ao falar sobre o assunto, as primeiras mostraram-se mais afetadas que eles pelos desafios vivenciados no contexto

de isolamento social (Cf. Conjuve, 2020). Assim como foram elas quem mais declararam ter entrado em contato com conhecidos e ficado ativas nas redes sociais para conscientizar outras pessoas (Idem).

Outra questão trazida foi o custo das (re)adequações das atividades em vários âmbitos, juntamente com o não saber direito o que está acontecendo, já que havia um descompasso entre o que era narrado na televisão e o que era experienciado nos bairros. De acordo com o levantamento feito por Schmidt et al. (2020), a rápida disseminação do vírus, as incertezas sobre o controle e a seriedade da doença, além da imprevisibilidade da duração e seus desdobramento podem ser caracterizados como fatores de risco à saúde mental, principalmente quando somada a difusão de mitos e informações equivocadas e a dificuldade de compreensão e/ou de aplicação das orientações sugeridas pelas autoridades sanitárias, como o contexto de infodemia sugere. Assim, se, por um lado, órgãos públicos como a escola mudaram sua forma de funcionar e as dinâmicas que lhes caracterizaram, por outro, a família e a vizinhança demoraram a modificar hábitos.

Adolescente 1: esse mês pra mim tá sendo o pior porque estamos há muito tempo pra fazer as coisas e estamos em transição para fazer as coisas que antes fazíamos, isso me fez ficar um pouco deprimido, até no meu relacionamento, de não ter vontade de fazer as coisas, estou tendo muitas atividades/reuniões... Não sei se todo mundo sabe, mas eu tenho problema com comida, eu tô descontando na comida, estou gastando muito dinheiro em *ifood*, mas o que eu tenho tentado fazer... Ah tem também uns hábitos que eu desenvolvi, e esse mês tem sido muito difícil, tipo acordar de manhã e dobrar o lençol e se eu não fizer isso parece que o dia foi uma merda, porque parece que tá faltando algo. O que tem me animado é comer e assistir uma série.

[...]

Adolescente 2: esse mês tem sido maravilhoso melhor do que o mês de maio que eu adoeci... Eu tô podendo dançar agora, porque antes eu tava adoecendo, tô podendo tocar umas atividades que antes eu não tava conseguindo, eu tenho me frustrado com algumas coisas antes.

[...]

Adolescente 3: o meu mês não mudou absolutamente nada, tá exatamente igual ao mês anterior e tem sido angustiante porque eu sou arruaceira e tô muito dentro de casa. Eu tô passando por umas *bad* babadeira, tô tentando ficar de boa e é isso aí.

[...]

Adolescente 4: Oi, esse último mês foi bem diferente, principalmente nas últimas semanas, mas eu tenho usado um dispositivo na minha mente que é, sei lá, me manter positivo... E, sei lá, às vezes até me enganar mesmo, quando eu vejo que tem coisas que são até impossíveis assim, eu me mantenho positivo e eu penso no melhor sempre e vejo sempre a melhor, o melhor lado, a melhor forma. E eu não tô me sentindo muito bem agora por algumas coisas que aconteceram, mas tá tudo bem e vai ficar tudo bem, é isso. (Grupo 1, 27 jun. 2020).

A diferença de perspectiva atravessou vários encontros, apesar de olhares comuns sobre as dinâmicas dos bairros, as variações de percepção e as partilhas sobre como cada um/a estava lidando com os efeitos da pandemia em suas vidas criou um campo rico de

produção de novos modos de estar em isolamento social e lidar com os desafios que se afiguravam: “é muito massa quando o grupo está conversando, mas quando as pessoas do grupo se isola aí fica esquisito, gosto muito de conversar com as pessoas, não contar minha vida, mas conversar, sabe? Se abrir...” (Grupo 2, 23 jun. 2020). Como destacou Freitas et al. (2018), as amizades são fundamentais para o desenvolvimento social, emocional e cognitivo dos/as adolescentes e jovens, de maneira que no contexto de pandemia sua influência seguramente tende a se ampliar, assim como a demanda por mais intimidade interpessoal.

As intervenções foram feitas no sentido de evitar controles rígidos nas atividades diárias, juntamente com tentativas de considerar tudo o que é feito durante o dia, coisas como cuidar de animais domésticos e da própria casa, conversar com familiares, entre outros. A ideia foi trazer a reflexão sobre o tempo marcado pelas atividades da escola e do trabalho e esse outro tempo experienciado pela situação de isolamento que requer outros ritmos e ações. Deste modo, também passou a tomar corpo outras estratégias e ressignificações do contexto de isolamento social. A opção que fizemos foi novamente seguir algumas das recomendações correntes acerca do assunto, fomentando debates e reflexões sobre como reconhecer e acolher medos, retomar estratégias e ferramentas de cuidado, investir em exercícios e ações de bem estar (AbcMed, 2021; Biernath, 2021; Cartilha, 2020; Onu Brasil, 2021; Secretaria de Saúde, 2021; Who, 2021).

O próprio grupo criou um espaço para partilhas de (auto)cuidado e acionou sensações de pertença social e contato interpessoal, além de informar sobre a situação da pandemia mensalmente e o atendimento dos equipamentos de saúde, voltados para a saúde mental. Sobre este último ponto, convém mencionar que o atendimento psicossocial do Cedeca teve um aumento na procura pelo atendimento individual, tanto de adolescentes e jovens acompanhados, quanto de familiares deles. Ademais, no contexto de pandemia, o acolhimento (19% e 12%) destacou-se como o sentimento mais positivo (bom e muito bom) apontados por jovens do Brasil todo, seguido por segurança (12% e 7%), descanso (13% e 7%) e tranquilidade (12% e 6%) (Conjuve, 2020).

Um dos aspectos que também mudou com o tempo foi que passaram a se apropriar dos sentimentos e construir significados para as novas experiências, inclusive formas de lidar com a “saudade de conversar com as pessoas” (Idem), através das atividades e contatos virtuais. Em cada um dos grupos tristeza e estresse passaram a estar presentes na vida dos/as jovens com o prolongar do isolamento social:

Eu fiquei assim mal [por estar na quarentena], meio mal mesmo e [Nome da adolescente] tem me ajudado muito nesse processo. (...) [desde a última reunião do Cedeca] eu tô começando a escrever pra colocar assim os pensamentos alinhados, porque digitar eu sou péssimo (risos) (Grupo 1, 09 mai. 2020).

A quarentena está péssima porque é muita coisa e não consigo fazer tudo [...] ajudar minha mãe e fazer as coisas tudo da escola, tenho pouca mente, pra resolver tudo só num mesmo canto, gosto de separar as coisas, juntando tudo, não consigo fazer nada, muita coisa me atrapalha nessa quarentena, tô muito estressada. (Grupo 2, 23 jun. 2020).

Outra presença que se fez sentir em suas falas foi a busca por lidar com os desafios. Nos encontros, por exemplo, eles passaram a interagir mais com longas falas sobre como estavam se sentindo com a mudança no cotidiano, explicitando a potência do grupo para minimizar os impactos do cerceamento das relações sociais. Uma delas falou sobre o momento grupal: “eu acho demais, porque eu consigo conversar e abro minha mente, e consigo fazer algo, mas quando fico só em casa, fico estressada, descontento em todo mundo, fico com vontade de sair de casa, porque não consigo ficar só em casa sem fazer nada”; além disso, “venho nesse encontro e tenho muita coisa pra falar, porque são outras pessoas e são diferentes” e “Conversando com vocês eu me sinto 50% mais leve, não dá pra ser 100%, mas fico 50% mais leve porque eu tô conversando, desabafando” (Grupo 2, 23 jun. 2020). Conforme outros dados levantados, ainda que houvesse certa predominância de sentimentos negativos durante as falas e percepções sobre o distanciamento social, tais como o medo de perder algum familiar (75%), ser infectado (48%) ou infectar pessoas (45%), os/as jovens tendem a dividir-se igualmente entre otimistas (27%) e pessimistas (34%) com relação ao futuro, embora haja aqueles que permaneçam neutros (37%) (Conjuve, 2020). De acordo com a Conjuve (2020), os/as jovens que se declararam brancos demonstraram maior pessimismo em relação ao futuro após a pandemia, ainda que as vulnerabilidades tenham impactos maiores na população negra e pobre, historicamente subalternizada.

Os grupos com jovens da periferia trouxeram algumas reflexões sobre os efeitos do isolamento, pensando nas estratégias de cuidado e autocuidado, bem como nos debates levantados sobre saúde mental e direitos. Outro dos pontos levantados foi a reflexão gerada pela quantidade de consumo de informação mediado pela internet e pelas redes sociais. Em uma pesquisa sobre os impactos da pandemia para a saúde mental, 64% das pessoas entrevistadas afirmaram que acessam a internet para tentar preservar a saúde mental durante a quarentena, 50% preferem ver TV; enquanto 48% leem, 31% praticam exercícios e 18% meditam (Biernath, 2021). E a necessidade de desacelerar de um tempo

que demanda cada vez mais atividades simultâneas e menos tempo para o lazer ou o ócio: “É sobre isso, das coisas passarem muito rápido. Às vezes eu tenho três reuniões e eu preciso cozinhar, porque eu sou vegano e se eu não cozinhar eu não vou ter o que comer”, além disso “eu converso com três pessoas ao mesmo tempo, e as conversas são muito rasas, coloca ali figurinhas ‘kkk’ e tals.”, e ainda “acelero todos [os vídeos]. E ontem eu pedi uma comida, enquanto eu esperava a comida, eu assisti o vídeo da Larica Vegana [canal do *youtube*] e eu fiquei ‘caramba, como a voz dela é diferente’, eu não fiquei impaciente com aquilo, eu tinha mais tempo pra só esperar aquele tempo” (Grupo 1, 01 ago. 2020). Vários deles/as concordaram ser comum assistir aos vídeos em velocidade aumentada 1.5x e até 2x, o que foi sendo questionado pelo tempo de isolamento “era uma obrigação fazer aquilo, como se fosse para não ter a sensação de que eu tô jogando tempo fora e o tempo que eu tenho livre, eu tô jogando fora. Na quarentena, eu continuava a ver os vídeos acelerados, aí eu vi que tinha tempo e estranhei a voz” (Idem).

Ao solicitar que eles/as dissessem o que eles/as mais gostavam de fazer, sugerindo que isso ajudaria a pensar as tarefas do dia e a organização de uma rotina que impactasse nessa percepção de aceleração do tempo, percebemos algumas dificuldades: “Agora eu fiquei pensando aqui no que eu mais gosto, não sei”, comentou um depois de longo silêncio no grupo, enquanto outro comentou no chat “pane no sistema alguém me desconfigurou” – em alusão a música “Admirável Chip Novo” da cantora Pitty, de grande sucesso entre jovens⁴. Depois de um tempo de silêncio, um deles compartilhou que ficar sem celular fez com que ele voltasse a ligar a TV, descobrir que o controle estava quebrado e depois fazer “exatamente nada, e aí eu descobri que eu faço exatamente nada, eu olho e fico deitado na cama”, refletindo sobre o não fazer nada no seu cotidiano (Grupo 1, 01 ago. 2020). Essa questão levou cada um do grupo a pensar qual o espaço do ócio, do “brincar de se conhecer” – tal como sugerimos – em seu cotidiano, inclusive questionando a lógica do capitalismo que coloca para muitos deles e delas a demanda do tempo gasto com outras coisas que não são produtivas, numa

⁴ Na letra a cantora traça um paralelo entre suas percepções e as novas tecnologias, evidenciando certo desconforto e confusão acerca dos limites entre robôs e humanos, por exemplo: “Pane no sistema / Alguém me desconfigurou / Aonde estão meus olhos de robô? / Eu não sabia, eu não tinha percebido / Eu sempre achei que era vivo / Parafuso e fluido em lugar de articulação / Até achava que aqui batia um coração / Nada é orgânico, é tudo programado / E eu achando que tinha me libertado / Mas lá vêm eles novamente / Eu sei o que vão fazer / Reinstalar o sistema / Pense, fale, compre, beba / Leia, vote, não se esqueça / Use, seja, ouça, diga / Tenha, more, gaste, viva / Pense, fale, compre, beba / Leia, vote, não se esqueça / Use, seja, ouça, diga / Não senhor, sim senhor / Não senhor, sim senhor [...]”. Disponível em: <[Admirável Chip Novo - Pitty - LETRAS.MUS.BR](http://AdmiravelChipNovo-Pitty-LETRAS.MUS.BR)>. Acesso em 14 fev. 2021.

associação acrítica entre dinheiro e tempo, produtora ela mesma de culpa e vergonha por “não fazer nada, assim como fazer com que a gente não pare muito para ver como estamos nos sentindo e pensar nas coisas que acontecem” (Idem).

Apesar da dificuldade, eles e elas acabaram listando algumas atividades como sendo ações significativas para o seu dia a dia, tais como pintar, ouvir música, assistir série, e etc. Porém, diante das recorrências das falas sobre luta (militância) em um dos grupos, resolvemos perguntar se existia lugar para pensar o bem estar e o cuidado, ou só havia espaço para esse tipo de luta na vida deles, ao que se seguiu uma grande discussão sobre o lugar da psicologia e o direito à saúde mental para jovens de periferia:

Adolescente 1: Só pra finalizar um pouco, o [arte-educador] já disse tudo e as meninas também, é se reconhecer enquanto processo, que a gente não tá se cobrando muito. Às vezes eu mesmo me cobro, às vezes eu mesmo converso comigo e vejo essa questão também de saúde mental, comparado a esse lugar de luta, o corpo só faz luta se ele está bem e se ele não tá bem é você se perceber e pegar leve. Conversar consigo mesmo, entender o seu processo, entender o que você tá fazendo, que caminho é esse, às vezes a gente se pega perguntando isso e se pega não tendo respostas, as respostas podem vir muito tempo depois. Às vezes você mesmo esquece que fez a pergunta e vem a resposta.

[...]

Adolescente 2: vidas que valem menos que outras... genocídio também é isso, esse lugar do não cuidado. No estado do Ceará a gente tem várias pessoas assassinadas, e essas pessoas não vão causar dor na gente, porque a humanidade ela não [tem]... Não tem como pautar essa política, se você tem um psicólogo a cada 40 pessoas na escola. Quando a gente não estuda e não debate essas coisas, a gente não se dá conta de que a gente merece essas coisas, que a gente merece estar bem. (Grupo 1, 27 jun. 2020).

Essa discussão levou muitos deles a falarem sobre sua saúde mental, não só por causa da situação de pandemia, mas também como parte do cuidado que se dedicam no cotidiano marcado pela violência e pela luta pela vida de outros jovens. Inclusive outros/as profissionais do Cedeca que atuam nos territórios participaram do debate, fazendo um resgate do lugar da “psicologia e [de] seu papel na política”, considerando “os acessos negados à população mais vulnerável, quando se fala no cuidado com a saúde mental e, a partir daí, surge uma pequena discussão sobre “classe” e uso facilitado da classe média em relação à psicologia clínica”, ressaltou uma das arte-educadoras, destacando ainda que isso “Reforça a importância da presença de um profissional da área da psicologia no Cedeca e em instituições similares para que possam garantir atendimentos às pessoas que apresentarem demandas.” (Grupo 1, 27 jun. 2020). Como um deles complementou, enquanto morador de periferia: “Eu [nome] só vim me perceber como sujeito de direito passível de ter direito à saúde mental ano passado, eu sempre me

vi enquanto cuidador e não como alguém [que] precisava de cuidado [...]. De alguma maneira a saúde mental ainda é lugar de luxo” (Idem).

Com vistas a fazer intervenções sobre estratégias outras de autocuidado que não a psicoterapia e os equipamentos de atenção psicossocial, fomentamos a partilha de ações e atividades desenvolvidas em seus bairros, com destaque especial para um espaço de cuidados holísticos, onde são ofertadas gratuitamente práticas integrativas e momentos grupais, tais como massagem, ventosaterapia, escalda pés, dinâmicas grupais, yoga, entre outras ações que envolvem terapia comunitária integrativa.

Quando foi ano passado, eu tava fazendo muita coisa, muita coisa, de manhã fazia uma coisa, de tarde fazia outra, aí minha mente teve um colapso e eu tive que dar uma pausa e um dos lugares que eu fui e que eu encontrei esse refúgio que a [arte-educadora] falou [...], que lá é um lugar assim que você se sente assim muito bem, tem fitoterapia, tem massagem e lá todo mundo é muito acolhedor. Não tem como descrever a experiência sabe, foi muito importante para a minha melhora. Todas as vezes que eu chegava ansioso, eufórico, eu ficava muito bem. É muito importante, com a chegada do Covid eles estão fazendo *lives*, yoga, danças circulares, enfim era isso que eu queria partilhar. E é isso que eu penso, que essas coisas já existiam há muito tempo, a indústria farmacêutica é muito danosa, por um lado ela ajuda, mas por outro... Não sei ainda tenho um certo tabu com remédios, eu sei que faz bem também e que me ajudou muito... (Grupo 1, 27 jun. 2020).

No grupo seguinte outros adolescentes tinham tido a iniciativa de combinar e de ir juntos, conforme uma delas destacou: “Foi muito legal, foi muito importante, nós estávamos precisando muito, lá é um projeto muito bacana e todo mundo deveria ir [...] o ambiente é muito gostoso só pra ir e curtir o ambiente é muito massa”; e o outro complementou “a gente ficou muito tempo dentro de casa né, quando a gente pôde ir lá, foi muito bom” (Grupo 1, 01 ago. 2020). Ao contrário da cloroquina e outros remédios usados no tratamento da Covid-19, o Conselho Nacional de Saúde (2021) recomendou a divulgação de Práticas Integrativas e Complementares (Pics) na assistência ao tratamento para combater o coronavírus, ao considerar as evidências científicas acerca do uso das práticas integrativas em contexto de pandemia. Atividades como reiki, yoga, meditação e plantas medicinais têm sido alvos de projetos de estudo enquanto práticas auxiliares no manejo do estresse, relaxamento e equilíbrio emocional, principalmente diante do contexto de isolamento, sem substituir a medicação alopática (Icict, 2021).

Apesar de não termos conseguido ampliar e manter a frequência mensal com os grupos até o final do ano, tanto por questões institucionais, quanto por demandas de ações externas vindas da sociedade para com os grupos acompanhados, os encontros foram extremamente ricos. Um deles chegou a questionar: “Me veio uma dúvida sobre autocuidado, como que – pera eu não sei, pera – como eu diferencio o autocuidado em

outra forma de escape?” e citou um “exemplo: [se] eu me cuido bebendo, [e] esteja sendo bom pra mente, mas agressivo para o corpo, é muito agressivo, mas se eu quero dormir e durmo muito, e é muito agressivo para o corpo?”, complementando: “Quando que deixa de ser autocuidado? Eu tava assistindo uma série por horas e horas e eu pensei que tem que ter um limite...” (Grupo 1, 01 ago. 2020). Os/as próprios/as adolescentes foram sugerindo estratégias para lidar com os excessos, tais como o uso de aplicativos que controlam o tempo nas redes sociais ou fazer listas de atividades para o dia, para não passa-lo sem ter a ideia do que foi feito, inclusive inserindo atividades frequentemente não contabilizadas como cuidar de animais, limpar a casa e etc.. Ao mesmo tempo em que ampliaram o debate sobre a qualidade dos contatos virtuais, ao evidenciar, por exemplo, as dificuldades de manter uma atenção continuada, dada a quantidade de informações e o acesso a vários estímulos “a gente não consegue mais participar de conversas, ver alguém falando por muito tempo, se a gente vê um vídeo de 40 minutos, a gente vai pulando, quer ver logo o final” (Idem).

A partir de falas como essa foi possível problematizar com eles/as não só o lugar do (auto)cuidado no grupo, enquanto coletivo, mas também um espaço para pensar outras estratégias de saúde mental que considere, inclusive, outra psicologia que não seja a branca hegemônica e que considere as periferias, a negritude e a população LGBT. Um dos adolescentes ressaltou após a discussão sobre o acesso a psicologia e as estratégias de saúde mental:

É isso [arte-educadora]. Os nossos acessos passam pela periferização das coisas, e quando a gente começa a falar sobre isso o dedo na ferida começa a machucar um pouco né. A minha vida foi muito balanceada, porque se eu não fizer por mim, ninguém vai fazer e me sentir vulnerável pra mim é muito adoecedor. Eu sofria muito *bullying*, engordei, tinha muitas doenças, tive barba muito cedo e etc. E teve muitas coisas de falar no ensino médio, que foi na época do “Fora temer”, e tinha muita coisa que eu pensava “isso não dá pra aceitar”. E tinha as opressões por ser LGBT, minha adolescência foi de pautar coisas, fazer brigas por besteira, fui uma pessoa já muito ameaçada, de ser constrangido, de ter medo de ir pra escola, eu falo por todo mundo, a gente do [grupo] tinha essa noção de mundo, de que a gente precisava pautar esse mundo, e agora a gente tá vendo um cenário que a gente vai ter que pensar como vai ser esse pós[-pandemia], e isso é muito doloroso e muito adoecedor. Como se todas as coisas dependessem da gente, como se a gente precisasse vingar tudo, liderar tudo. Acho que é isso, minha adolescência foi muito de pautar as coisas, encontrar a melhor forma de pautar. (Grupo 1, 27 jun. 2020).

Duas gerações – a dos/as jovens e a dos/as arte-educadores – problematizaram a psicologia e seu papel na política, a questão dos acessos à população mais vulnerável e a importância do cuidado com a saúde mental, principalmente em contexto de pandemia e de autocuidado. Quem estava sendo interpelada por estas falas não éramos nós da equipe

de psicologia, mas a própria psicologia, tal como se constituiu enquanto ciência e saber ocidentalizados e coloniais, pelas juventudes e periferias que querem ser ouvidas e acolhidas em suas demandas psicossociais. Nossa intervenção, além de apontar a coexistência dos vários pontos de vista ali partilhados, a ideia comum de que “cada geração teve suas demandas e bandeiras para pautar” e que “nós enquanto psicólogas esperamos e estamos construindo para que cada vez mais ela seja sobre saúde mental e não somente sobre direitos básicos, porque eles não são excludentes, na verdade eles ajudam a se fortalecer e potencializar a luta” (Idem). Pois acreditamos, como Laranjeira (2018), ser relevante demarcar as diferenças culturais, geracionais e de gênero, tanto quanto acolher e abrir espaço para reflexão sobre o que está sendo dito. A reflexão mais profunda sobre o papel da psicologia em contextos periféricos fica como sugestão para futuros trabalhos.

Depois desses encontros com os grupos já formados, fomos convidadas a fazer parte de outros momentos grupais com os/as novos/as membros/as e os novos territórios que estavam se organizando, para trabalhar com eles/as a temática da saúde mental enquanto direito. Segundo um dos arte-educadores: “Entender que [a saúde mental] é direito e que precisa ser universalizado, é um passo gigantesco que a gente vai precisar dar” (Idem).

Por questões de agenda, só conseguimos fazer o encontro presencial - possível por conta do contexto de flexibilização da capital cearense - de encerramento com um dos grupos (Grupo 2, 08 dez. 2020). Nele a adesão foi maior e foi possível propor a feitura de esquetes sobre saúde mental. Além da dinâmica inicial de apresentação e movimentação pela sala⁵, ao som da música “Banho de folhas” de Luedji Luna⁶, dividimos os adolescentes e jovens em três grupos de três pessoas para que cada um fizesse uma esquete – pequena cena de teatro – sobre a psicologia na escola, na clínica e em serviços de saúde. Depois da apresentação foi feita a partilha onde cada um falou um pouco sobre o processo de montagem e o resultado, bem como comentou a cena trazida pelos outros dois grupos. A atividade foi finalizada com um lanche distribuído individualmente, mas compartilhado em roda, para que eles pudessem comentar algo mais sobre o ano, a atividade ou a vida.

⁵ Usamos como referência para esse momento inicial uma dinâmica semelhante à apresentada por Jorge (2018), mas adequando-a aos critérios de distanciamento social, a ideia era conciliar um momento de relaxamento e descontração, com os protocolos de biosegurança exigidos no momento.

⁶ Disponível em: <[Banho de Folhas - Luedji Luna - LETRAS.MUS.BR](http://Banho.de.Folhas-Luedji.Luna-LETRAS.MUS.BR)>. Acesso em 14 fev. 2021.

O primeiro grupo dramatizou um episódio de *bullying* onde a professora estava alheia ao ocorrido em sala e a psicologia nem mesmo chegava a ser acionada; o outro trouxe a cena de uma mãe que teve seu filho assassinado, entrando desesperada no consultório psicológico e sendo acolhida pela recepcionista e pela psicóloga; o último encenou um grupo psicoterapêutico em que adolescentes partilhavam questões políticas que afetavam sua saúde mental. Das esquetes é digno de nota que elas trouxeram elementos mais fortes quando tinham membros que participaram dos encontros virtuais, como foi o caso dos dois primeiros grupos, chamando a atenção não só para a omissão da psicologia no cotidiano deles e delas e para os problemas recorrentes nas escolas; como para a ideia de que a psicologia ainda é de mais fácil acesso quando vinda de uma clínica particular e não de outros serviços e equipamentos públicos. O último destoou um pouco do debate e ficou no campo mais amplo de crítica política ao atual governo e suas práticas necropolíticas.

Sobre o debate, foi possível apreender a falta de acesso à psicologia nos espaços ocupados pelos/as jovens, em suas reflexões eles/as evidenciaram muito mais o caráter de apoio vindo de outros/as jovens, como o grêmio na escola e amigos/as de bairro. Nossa intervenção foi explicar um pouco sobre o funcionamento do SUS, a existência de psicólogos nas Unidades de Saúde e serviços como CAPS, bem como as possibilidades outras de cuidado e autocuidado coletivo, como aqueles proporcionados pelas práticas integrativas. Ademais, colocamos a equipe de psicologia do Cedeca Ceará à disposição e convidamos para participarem das ações previstas para o ano seguinte.

O contato com o grupo virtualmente ao longo dos meses, ou a participação do encontro presencial no final do ano, trouxe importantes reflexões sobre o lugar da psicologia no trabalho com jovens enquanto estratégia de intervenção em psicologia social, bem como chamou a atenção para a necessidade de ampliar o alcance dos debates de saúde mental na periferia. A diferença de perspectiva compartilhada coletivamente acerca dos impactos da pandemia em seus cotidianos possibilitou olhares distintos para experiências semelhantes, criando um campo rico de produção de novos modos de ser e estar em isolamento social e contexto de pandemia, assim como apontou para as possibilidades de construir estratégias coletivas de vivenciar o bairro e a oferta de serviços, já que no momento de flexibilização chegaram a se mobilizar para frequentar um espaço de terapia comunitária integrativa.

Além do funcionamento do próprio dispositivo grupal e agenciamentos de espaços de escuta e compartilhamento de experiências e informações, os/as jovens

também foram criando estratégias de cuidado e autocuidado, tais como: conversar com amigos virtualmente e com a família presencialmente; criar espaços para o ócio no dia a dia, flexibilizando os planejamentos diários, inclusive contabilizando na lista de tarefas as atividades de cuidados com a casa e animais; procurar descobrir interesses e a melhor forma de adequar-se à nova rotina, distinta dos tempos da escola e do trabalho de outrora, incorporando outras formas de experienciar as atividades de lazer, como assistir vídeos, agora de um modo desacelerado, entre outras. Ademais houve investimento mais direto em reflexões e práticas de bem estar e saúde mental, conforme suas preferências, por exemplo, pintar, ouvir música, produzir artes, etc.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa foi fruto do estágio curricular em psicologia, realizado no Centro de Defesa da Criança e do Adolescente, e teve como objetivo cartografar os efeitos da pandemia de Covid-19 no cotidiano de jovens de territórios periféricos da cidade de Fortaleza-Ceará, especificamente problematizando os temas trazidos por eles/as acerca de juventudes, periferias e pandemia, bem como as estratégias de (auto)cuidado compartilhado em saúde mental. Para tanto, fizemos uso da pesquisa-intervenção com o método cartográfico, usando como estratégia interventiva o uso do dispositivo grupal, e dos diálogos com Deleuze e Guattari e Psicologia Social. No total foram oito encontros grupais através dos quais foi possível acompanhar as modificações na circulação, experimentação dos territórios e relações familiares e sociais, assim como as estratégias de cuidados em saúde mental utilizadas por eles/as para enfrentar as situações de estresse, ansiedade e tristeza por conta do isolamento social.

Muitos deles/as estavam no processo de problematização entre o que era vivenciado nos bairros periféricos e o que era trazido pelos discursos midiáticos. O confronto com o olhar da rua e o olhar mediado pela TV trazia tantos questionamentos, quanto sofrimentos entre a expectativa e a realidade do *lockdown*. Por outro lado, também havia questões ligadas às ausências de outros/as participantes nos momentos grupais, aos sumiços e as dificuldades de acompanhar com regularidade os encontros, as quais foram trazidas à tona, juntamente com o reconhecimento da potência dos mesmos. A própria percepção do tempo trouxe angústias e ansiedades, assim como ambiguidades do contexto se tornaram evidentes com o passar do tempo, o qual criou condições para reflexões mais aprofundadas e apropriadas de si e do outro em isolamento:

[concordando com outra jovem sobre o andamento e] sobre o desinteresse do grupo, de não aproveitar essa oportunidade que vocês estão dando e que o povo tem que tá mais organizado no grupo e que eles estão muito desmotivados. Sobre a quarentena, eu sinto muito parecido... Eu tô confuso entre o presente e o futuro; dois estados: de ficar muito criativo e o de não pensar em nada. [...] E eu tava lendo sobre você tá muito ocupado, para não se perder nisso tudo e eu comecei a pensar que tava tudo bem ficar mais parado, ficar refletindo sobre as coisas, deixar um pouco as coisas de lado. Tá ok ficar não pensando nada, dormir, porque quando eu vou dormir, não penso nada. Eu perdi o foco da faculdade, do Enem, perdi mais essa liga, mas tô nessa, tô indo. Com a saúde mental intacta, felizmente. (Grupo 2, 23 jun. 2020).

Apesar das ausências nos encontros marcados e da não adesão aos desafios propostos, à tônica dos debates sobre pandemia foi marcada pela fala “eu acho que eu falei demais”, que eles e elas traziam vez por outra (Grupo 1, 09 mai. 2020), e o modo

como transformavam o “não estou fazendo nada” em um conjunto articulado de movimentações possíveis (Grupo 2, 23 jun. 2020); evidenciando o modo como o próprio grupo passou a ser um espaço confortável para essas discussões, tendo em vista que no começo era “difícil pensar nessas coisas, porque o [grupo] meio que é um espaço que a gente usa para não pensar nessas coisas” (Grupo 1, 27 jun. 2020). Em contraposição, como uma das arte-educadoras sugeriu, aos possíveis anseios de que um encontro “com a psicologia do Cedeca” pudesse causar “medo no povo” ou que os/as jovens “se sintam receosos de participar, pensando que é uma coisa de outro mundo”; uma das jovens disse que ia mobilizar mais pessoas do grupo para participar: “Eu vou começar a conversar de novo com a galera, vou dizer que a gente conversa, bate papo e se diverte, como se a gente tivesse junto, mas distante (risos)” (Grupo 2, 23 jun. 2020). Outra sugeriu sobre a pouca quantidade de pessoas que “é um grupo, uma coisa de grupo, então é melhor quando tem mais gente” (Grupo 2, 09 jun. 2020).

Nos encontros virtuais ou no presencial, o que percebemos foi à importância do grupo por sua “capacidade de escutar os sujeitos e seus sofrimentos para além das urgências sociais em que se apresentam” (Sato et al., 2017). Não obstante, vários desafios se apresentaram no manejo do grupo virtual, desde a falta de internet, as oscilações desta, até o cansaço do acúmulo de encontros virtuais ou a impossibilidade de baixar o aplicativo por falta de memória no celular (muitas vezes compartilhados por todos da família para vários usos), impactaram significativamente na frequência, participação e rodízio de jovens nos encontros propostos e mediados pela equipe de psicologia do Cedeca Ceará. Embora seja significativo mencionar que, apesar de algumas vezes eles comentarem no chat “não estou bem pra compartilhar hoje” (Grupo 1, 25 jun. 2020) ou “eu tô aqui viu, mas calado” (Grupo 1, 01 ago. 2020), nos dois grupos os/as jovens participaram ativamente em todos os encontros. Mais do que isso, pautaram o tom do diálogo e a temática das conversações, tecendo reflexões sobre pandemia e periferias e definindo ações de autocuidado para enfrentar o isolamento social. Ainda que somente paulatinamente fossem articulando suas percepções sobre o contexto de pandemia e os impactos em seus cotidianos. Ao final, alguns deles/as chegaram a expressar diretamente a importância desses momentos de partilhas “o encontro de hoje foi muito importante pra mim, eu sei que foi anônimo, mas eu escrevi no papelzinho⁷ que o [grupo] precisava

⁷ Em momento de avaliação no ano passado eles/as demandaram momentos de diálogo em grupo, sem pautas.

desses encontros e fico muito feliz que eles estejam acontecendo, gratidão”, ao que outros/as concordaram e também agradeceram.

Assim, se a pesquisa trouxe, por um lado, importantes indicativos dos efeitos da pandemia no cotidiano de jovens periféricos, evidenciando a importância do grupo para o acolhimento das tristezas e ansiedades e o compartilhamento de estratégias de autocuidado e cuidado; por outro, ela aponta para a necessidade de outras pesquisas avaliarem os impactos do isolamento social a longo prazo e convoca a psicologia a diminuir as desigualdades de acesso que ainda se fazem presente. Principalmente considerando que o país, no momento de finalização da escrita deste trabalho, aproximava-se dos 13 milhões de infectados pelo coronavírus, com o número de mortes tendo atingido a cifra superior aos trezentos e trinta e um mil mortos (Ker, 2021), com a capital cearense no segundo *lockdown*, e os/as jovens acompanhados sinalizando novas demandas como a perda de familiares. Tudo isso apontando, entre outras coisas, para a urgência do reconhecimento do direito ao luto público das vítimas de Covid-19 e da produção de estratégias coletivas de solidariedade e acolhimento diante da intensificação do medo proveniente do aumento do contágio e da diminuição do papel do Estado na garantia de direitos (Butler, 2020).

REFERÊNCIAS

- AbcMed (2021). *Saúde Mental na pandemia*. Disponível em: <[Saúde mental na pandemia - Psicologia e Psiquiatria > AbcMed](#)>. Acesso em: 14 março 2021.
- Agamben, Giorgio. (2020). *Reflexões sobre a peste: ensaio em tempo de pandemia*. São Paulo: Boitempo.
- Augusto, C. B.; Santos, R. D. dos. (2020). *Pandemias e pandemônio no Brasil*. São Paulo: Tirant lo Blanch.
- Barros, J. P. P.; Lima, A. H. M.; Bessa Filho, F. A.; Martins, T. V.; Benício, L. F. S.; Pinheiro, J. P. (2017). A política da pesquisa-intervenção em psicologia social: deslocamentos a partir de estudos foucaultianos e da esquizoanálise. In: Lemos, F. C. S. et al. [orgs.] *Conversas transversalizantes entre psicologia política, social-comunitária e institucional com os campos de educação, saúde e direitos*. Vol. 7. Curitiba: CRV.
- Barros, J. P. P.; Nunes, L. F.; Sousa, I. S.; Cavalcante, C. O. B. (2019a). Criminalização, extermínio e encarceramento: expressões necropolíticas no Ceará. *Psicologia Política*, 19(46), set./dez., p. 475-488.
- Barros, J. P. P.; Benício, L. F. S.; Bicalho, P. P. G. (2019b). Violências no Brasil: que Problemas e Desafios se Colocam à Psicologia? *Psicologia: Ciência e Profissão*, 39(2), p. 33-44.
- Benevides, R. (1997). Dispositivos em ação: o grupo. *Cadernos de Subjetividade*, São Paulo, 1(1), p. 97-106.
- Bento, B. (2018). Necrobiopoder: quem pode habitar o Estado-nação? *Cadernos Pagu*, 53: 185-305.
- Biernath, A. *A epidemia oculta: saúde mental na era da covid-19*. Disponível em: <[A epidemia oculta: saúde mental na era da Covid-19 | Veja Saúde \(abril.com.br\)](#)>. Acesso em: 14 março 2021.
- Butler, J. (2018). *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Butler, J. (2020). Judith Butler: De quem são as vidas consideradas choráveis em nosso mundo público? *El País*. Disponível em: [Judith Butler: “De quem são as vidas consideradas choráveis em nosso mundo público?” | Babelia | EL PAÍS Brasil \(elpais.com\)](#). Acesso em 04 abril 2021.
- Cabelo, Mariangela; Ghiraldelli Jr., Paulo. (org.). (2020). *Pandemia e Pandemônio: Ensaio sobre biopolítica no Brasil*. São Paulo: CEFA Editorial.
- Cada Vida Importa. (2020a). *Nota técnica 03/2020: homicídios contra crianças menores de seis anos no Ceará: média mensal cresce 3,7 vezes em 2020*. Disponível em: <https://cadavidaimporta.com.br/wp-content/uploads/2020/10/2020-10-09-nota3.pdf>. Acesso em 29 out. 2020.
- Cada Vida Importa. (2020b). *Meninas no Ceará: a trajetória de vida e de vulnerabilidades de adolescentes vítimas de homicídio*. Disponível em:

<http://homolog.adeboaz.webfactional.com/ccpha/meninas-no-ceara.pdf>. Acesso em 29 out. 2020.

Cada Vida Importa. (2021). Nota técnica 01/2021. Disponível em: [Publicações - Cada vida importa](#). Acesso em 10 março 2021.

Câmara, Bárbara. (2021). *Lei do silêncio é descumprida durante aglomerações e festas clandestinas em Fortaleza*. Disponível em: <[Lei do Silêncio é descumprida durante aglomerações e festas clandestinas em Fortaleza | Ceará | G1 \(globo.com\)](#)>. Acesso em 14 março 2021.

Cartilha (2020). Saúde mental e apoio psicossocial na pandemia Covid-19: Recomendações Gerais. Disponível em: [Saúde-Mental-e-Atenção-Psicossocial-na-Pandemia-Covid-19-recomendações-gerais.pdf \(fiocruz.br\)](#). Acesso em 29 out. 2020.

Cedeca Ceará. (2020) Relatório de inspeção ao Centro Socioeducativo Aldaci Barbosa Mota. Fortaleza/CE, set. 2020. Disponível em: <http://cedecaceara.org.br/site/wp-content/uploads/2020/10/Relat%C3%B3rio-Aldaci-com-Capa-Final.pdf>. Acesso em 29 out. 2020.

Comdica. (2019). *Plano Municipal de Enfrentamento à Letalidade na Adolescência para a cidade de Fortaleza – CE*. Fortaleza. Disponível em: https://desenvolvimentosocial.fortaleza.ce.gov.br/images/ANEXO_%C3%80_RES.51-2020PLANO_MUNICIPAL_DE_ENFRENTAMENTO_%C3%80_LETALIDADE_NA_ADOLESC%C3%80ANCIA_PARA_A_CIDADE_DE_FORTALEZA.pdf. Acesso em: 19 out. 2020.

Congresso em foco (2021). Conheça as 30 cidades com mais mortes por covid-19 no Brasil. Disponível em: <<https://congressoemfoco.uol.com.br/saude/conheca-as-30-cidades-com-mais-mortes-por-covid-19-no-brasil/>>. Acesso em 14 março 2021.

Conselho Nacional de Saúde (2021). Covid-19: CNS recomenda divulgação de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (Pics) na assistência ao tratamento. Disponível em: <[Conselho Nacional de Saúde - Covid-19: CNS recomenda divulgação de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde \(Pics\) na assistência ao tratamento \(saude.gov.br\)](#)>. Acesso em: 14 março 2020.

Costa, Aldemar Ferreira da. (2018). *Dispositivo de segurança e suas implicações psicossociais: o que dizem jovens negros(as) do Jangurussu sobre a “Célula de Proteção Comunitária?”*. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

Deleuze, G.; Guattari, F. (2012). Micropolítica e Segmentaridade. In: *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia* 2. vol. 3. 2ª ed. Trad. Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34.

Deleuze, G. (1996). *O que é um dispositivo?* Disponível em: [deleuze O que é um dispositivo \(uc.pt\)](#). Acesso em 14 fev. 2020.

Diário do Nordeste. Redação. (2021a). *Diante de indicadores para flexibilização, Capital tem aglomerações no 1º dia de retomada econômica*. Disponível em: <[Diante de indicadores para flexibilização, Capital tem aglomerações no 1º dia de retomada](#)>

[econômica - Metro - Diário do Nordeste \(verdesmares.com.br\)](#)>. Acesso em 13 março 2021.

Diário do Nordeste. Redação. (2021b). *Covid: mortes de pessoas com menos de 60 anos crescem 94% entre janeiro e fevereiro no Ceará*. Disponível em: <[Covid: mortes de pessoas com menos de 60 anos crescem 94% entre janeiro e fevereiro no Ceará - Metro - Diário do Nordeste \(verdesmares.com.br\)](#)>. Acesso em 13 março 2021.

Diário do Nordeste. Redação. (2021c). *Mesmo com proibição, condomínio de luxo de Fortaleza tem festa com cantor de forró e aglomeração*. Disponível em: <[Mesmo com proibição, condomínio de luxo de Fortaleza tem festa com cantor de forró e aglomeração - Metro - Diário do Nordeste \(verdesmares.com.br\)](#)>. Acesso em 14 março 2021.

Diário do Nordeste. Redação. (2021d). *Aglomerações são registradas no entorno de bares na Rua João Cordeiro, em Fortaleza*. Disponível em: <[Aglomerações são registradas no entorno de bares na Rua João Cordeiro, em Fortaleza - Metro - Diário do Nordeste \(verdesmares.com.br\)](#)>. Acesso em 14 março 2021.

Farias, Ana Beatriz; Nascimento, Thatiany. (2021). *Jovens de 20 até 29 anos são o 2º grupo de maior incidência da Covid*. Disponível em: <[Jovens de 20 até 29 anos são o 2º grupo de maior incidência da Covid - Metro - Diário do Nordeste \(verdesmares.com.br\)](#)>. Acesso em 30 março 2021.

Felicia, Silva & Veloso (2021). *Por que aglomero? Jovens relatam os motivos para irem a festas durante a pandemia*. Disponível em: <[Jovens relatam os motivos para irem a festas durante a pandemia - Agência Mural \(agenciamural.org.br\)](#)>. Acesso em 14 março 2021.

Ferreira D.; Santos, A. J.; Ribeiro, O.; Freitas, M.; Correira, J. V./ Rubin, K. (2013). *Isolamento social e sentimento de solidão em jovens adolescentes. Análise Psicológica*. vol. 2 (XXXI), p. 117-127.

Fórum Popular de Segurança Pública do Ceará. (2020). *Nota Pública Fórum Popular de Segurança Pública do Ceará: Escalada de homicídios no Ceará durante pandemia exige mudança urgente da política de segurança pública*. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1j6CCKR6kaV1j1upjHwDxG6nps7Z4OpDI/view>. Acesso em 29 out. 2020.

Foucault, M. (2008). *O nascimento da biopolítica: curso dado no Collège de France (1978-1979)*. São Paulo: Martins Fontes.

Freitas, M.; Santos, A. J.; Ribeiro, O.; Pimenta, M.; Rubin, K. H. (2018). *Qualidade da amizade na adolescência e ajustamento social no grupo de pares. Análise Psicológica*. vol. 2 (XXXVI), p. 219-234.

Fundação Abrinq (2021). *Cenário da Infância e da Adolescência no Brasil 2021*. Disponível em: <[3.Cenário da Infância e Adolescência no Brasil 2020 - 1ª Edição - Observatório da Criança e do Adolescente \(observatoriocrianca.org.br\)](#)>. Acesso em 30 março 2021.

Guedes, I. (2021). *Juventude na mira do crime*. Disponível em: <[Juventude na mira do crime \(uol.com.br\)](http://uol.com.br)>. Acesso em 14 março 2021.

Guimarães, H.; Costa, J. G. F.; Buono, R. (2021). *O GPS do crime*. Disponível em: <[O GPS do crime \(uol.com.br\)](http://uol.com.br)>. Acesso em 14 março 2021.

Gragnani, J. (2021). *Por que o coronavírus mata mais pessoas negras e pobres no Brasil e no mundo*. Disponível em: <[Por que o coronavírus mata mais as pessoas negras e pobres no Brasil e no mundo - 12/07/2020 - UOL VivaBem](http://uol.com.br)>. Acesso em 13 março 2021.

Icict - Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde. *Entrevista: pesquisadores apresentam estudo sobre o uso de práticas integrativas e complementares durante a pandemia*. Disponível em: <[Entrevista: pesquisadores apresentam estudo sobre uso de práticas integrativas e complementares durante a pandemia | ICICT | Fiocruz](http://icict.fiocruz.br)>. Acesso em 14 março 2021.

Integra SUS. Indicadores Ceará. (2021). Disponível em: <[Integra SUS - Indicadores \(saude.ce.gov.br\)](http://saude.ce.gov.br)>. Acesso em 13 março 2021.

Jorge, M. A. S. (2018). O grupo como estratégia potente de intervenção e formação. In: Françoço, O. M. [org.]. *Clínica Política: a experiência no Centro de Estudos em Reparação Psíquica lá em Acari*. Rio de Janeiro: ISER.

Jourdan, Camila. (2020). Revolta e Suicídio na necropolítica atual: para transformar o momento suicidário em momento revoltoso. In: Cabelo, Mariangela; Ghiraldelli Jr., Paulo. (org.). *Pandemia e Pandemônio: Ensaio sobre biopolítica no Brasil*. São Paulo: CEFA Editorial.

Ker, João. Brasil se aproxima dos 13 milhões de infectados pelo coronavírus; mortes chegam a 331.530. Disponível em: <[Brasil se aproxima dos 13 milhões de infectados pelo coronavírus; mortes chegam a 331.530 \(msn.com\)](http://msn.com)>. Acesso 04 abril 2021.

Kolker, T. (2018). A atenção psicossocial a afetados pela violência de Estado – subsídios e contribuições para a construção de uma política pública. In: Françoço, O. M. [org.]. *Clínica Política: a experiência no Centro de Estudos em Reparação Psíquica lá em Acari*. Rio de Janeiro: ISER.

Laranjeira, D. H. P.; IRIART, M. F.; LUEDY, E. (2018). Arte como política de resistência: dispositivos cartográficos na apreensão de práticas culturais juvenis em uma cidade do Nordeste do Brasil. *Etnográfica*. Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia, jun., v. 22 (2), p. 427-452.

Lazzarato, M. (2012). A fábrica do homem endividado: ensaio sobre a condição neoliberalista. Disponível em: <[Lazzarato Economia e Dívida Fabrica Do Homem Endividado 2 | Crédito | Finanças e Administração de Capital \(scribd.com\)](http://scribd.com)>. Acesso 04 abril 2021.

Lazzarato, M. (2019). *Fascismo ou Revolução? O neoliberalismo em chave estratégica*. São Paulo: N-1 Edições.

Leonardo, Camila dos Santos. (2019). *Dispositivo grupal com mulheres em um contexto periférico de Fortaleza: estratégias metodológicas em análise*. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

Maciel, T. (2020). Racismo estrutural e morte nas duas pandemias. *O Povo*. 8 jul. Disponível em: <https://mais.opovo.com.br/jornal/opiniao/2020/07/02/talita-maciel--racismo-estrutural-e-morte-nas-duas-pandemias.html>. Acesso em 29 out. 2020.

Mayorga, C. (2019). Algumas palavras de uma feminista sobre o campo de estudos sobre juventude. In: Colaço, V. F. R.; Germano, I. M. P.; Miranda, L. L.; Barros, J. P. P. (orgs.). *Juventudes em movimento: experiências, redes e afetos*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora.

Mbembe, A. (2016). Necropolítica. *Arte & Ensaios*, dez., 32: 123-151.

Menezes, J. A.; Colaço, V. F. R.; Adrião, K. G. (2018). Implicações políticas na pesquisa-intervenção com jovens. *Revista de Psicologia*, Fortaleza, 9(1), p. 8-17.

Moreno, P.; Ayala, I. H. (2020). Como lutar contra o Covid-19 na perspectiva de gênero. In: Roqueta, M. et al. *Coronavírus, gênero e a luta de classes*. Terra sem Amos: Brasil.

Mota, C. V. (2021). *Como Fortaleza se tornou a área com maior mortalidade por covid-19 do Brasil*. Disponível em: <[Coronavírus: Como Fortaleza se tornou a área com maior mortalidade por covid-19 do Brasil \(uol.com.br\)](https://uol.com.br/Coronavirus: Como Fortaleza se tornou a área com maior mortalidade por covid-19 do Brasil)>. Acesso em 13 março 2021.

Onu Brasil (2021). Como lidar com o estresse causado pela pandemia do coronavírus? Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/como-lidar-com-o-estresse--causado--pela-pandemia-do-coronavirus/>>. Acesso em: 14 de março 2021.

Passos, E.; Kastrup, V.; Escóssia, L. (2015). Apresentação. In: Passos, E.; Kastrup, V.; Escóssia, L. (orgs.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina.

Passos, E.; BARROS, R. B. (2015). A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: Passos, E.; Kastrup, V.; Escóssia, L. (orgs.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina.

Pucrs. (2021). Cartilha: Saúde Mental e a vida a dois em tempos de pandemia: estratégias de enfrentamento. Disponível em: <[Cartilha Núcleo de Psicologia Clínica \(pucrs.br\)](https://pucrs.br/Cartilha Núcleo de Psicologia Clínica)>. Acesso em 14 março 2021.

Rauter, C. (2001). Notas sobre o tratamento das pessoas atingidas pela violência institucionalizada. *Psicologia em Estudo*, Maringá, 6(3), jul./dez., p. 3-10.

Rech, H. L. (2012). Considerações sobre o Estado de Exceção, o Homo Sacer e a Biopolítica em Giorgio Agamben. In: Gadelha, S.; Pulino, L. *Biopolítica, Escola e Resistência: infâncias para a formação de professoras*. Vol. 1. Brasília: Editora Alínea.

Santos, Boaventura de Sousa Santos. (2020). *A cruel pedagogia do vírus*. São Paulo: Boitempo.

Sato, F. G.; Martins, R. C. R.; Guedes, C. F.; Rosa, M. D. (2017). O dispositivo grupal em psicanálise: questões para uma clínica política do nosso tempo. *Psicologia Política*, v. 17, nº 40, dez., p. 383-499.

Secretaria de Saúde. (2021). Guia de cuidado da saúde mental na pandemia da covid-19 e isolamento social. Disponível em: <[manual_saudemental_3_ses](#)>. Acesso em: 14 de março 2021.

Silva, R. B.; Carvalhaes, F. F. (2016). Psicologia e Políticas Públicas: impasses e reinvenções. *Psicologia & Sociedade*. 28(2): 247-256.

Santos, A. O.; Nechio, D. E. G. (2010). A paixão de fazer: saúde mental e dispositivo grupal. *Fractal – Revista de Psicologia*, v. 22, nº 1, jan./abril, p. 127-140.

Tavares, G. M.; Oliveira, F. T.; Bossatto, T.; Deus, F. B.; Coelho, D. C. G.; Vilas-Boas, M. N. S. (2011). A produção de *meninos de projeto* e acontecimentos no percurso. *Psicologia & Sociedade*. 23(1): 94-102.

Tedesco, S. H.; Sade, C.; Caliman, L. V. (2013). A entrevista na pesquisa cartográfica: a experiência do dizer. *Fractal, Rev. Psicol.*, 25(2), maio/ago., p. 299-322.

Tostes, A. Melo Filho, H. (2020). Apresentação. In: Tostes, A. Melo Filho, H. [orgs.]. *Quarentena: reflexões sobre a pandemia e depois*. Bauru: Canal 6.

Verdélío, A. (2021). *Primeira morte por covid-19 no Brasil aconteceu em 12 de março*. Disponível em: <[Primeira morte por covid-19 no Brasil aconteceu em 12 de março | Agência Brasil \(ebc.com.br\)](#)>. Acesso em 13 março 2021.

Viana, Theyse. (2021). Ceará tem 11,4 mil casos de Covid a mais entre pacientes de 15 a 39 anos na segunda onda da pandemia. Disponível em: <[Ceará tem 11,4 mil casos de Covid a mais entre pacientes de 15 a 39 anos na segunda onda da pandemia - Metro - Diário do Nordeste \(verdesmares.com.br\)](#)>. Acesso em: 30 de março 2021.

Wacquant, L. J. D. (2012). Forjando o estado neoliberal: trabalho social, regime prisional e insegurança social. In: Batista, V. M (org.). *Loic Wacquant e a questão penal no capitalismo neoliberal*. Rio de Janeiro: Revan.

Who - World Health Organization. (2021). Conselhos sobre doença coronavírus (COVID-19) para o público. Disponível em: <<https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/advice-for-public>>. Acesso em: 14 de março 2021.

Zizek, S. (2020). *Pandemia: Covid-19 e a reinvenção do comunismo*. Bointempo.